

Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus.

Conheça melhor suas características e seus atributos humanos e divinos lendo

JESUS CRISTO, O AUTOR DA NOSSA FÉ

de autoria do Pastor
Dinelcir de Souza Lima

Pedidos:

(21)2404-1279; 9735-3947

dinelcir@editorabatistabrasileira.com

www.editorabatistabrasileira.com

Apresentação

Desde minha juventude o livro do Apocalipse me encantou e me atraiu. Inúmeras vezes deixei de estar presente a aulas da faculdade, em noites da semana em que meu pai, Pr Delcyr de Souza Lima, ministrava estudos sobre esse livro, na igreja que pastoreava. Eu ficava encantado com a maneira clara como ele apresentava as mensagens contidas em todas aquelas visões do apóstolo João e, ainda que não compreendesse a razão, saía dos cultos com a alma alegre, imensamente feliz com a minha crença em Jesus Cristo e cada vez mais confiante na vida eterna que me espera em algum ponto do futuro.

No Seminário Teológico Batista de Niterói, onde conclui o curso de Bacharel em Teologia, não foi diferente. O interesse cresceu e me dediquei à leitura de comentários a respeito do Apocalipse, procurando me aprofundar cada vez mais em conhecê-lo.

Assumi o pastorado da Igreja Batista Memorial de Bangu, no Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, comecei a ministrar uma série de estudos a respeito do Apocalipse. O resultado foi impressionante, tanto para a igreja que se empenhou em aprender e experimentou uma vida de santificação e testemunho autêntico a respeito de Jesus Cristo, quanto para mim que descobri que ainda tinha muita coisa para aprender sobre a Revelação.

Algum tempo depois, a pedido da igreja, escrevi estudos para a Escola Bíblica Dominical editando-os em duas revistas que, com grande alegria, coloco à disposição de outras igrejas do Senhor Jesus na esperança que sirvam de auxílio eficaz para edificação na vida cristã.

Sumário

Estudo 1 - Origem e Finalidade da Revelação	3
Estudo 2 - As Realidades da Vida Cristã	7
Estudo 3 - O Início da Revelação	11
Estudo 4 - Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - I	15
Estudo 5 - Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - II	19
Estudo 6 - Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - III	23
Estudo 7 - Cartas às Igrejas de Jesus Cristo - IV	27
Estudo 8 - A Visão do Trono de Deus	31
Estudo 9 - Seis Selos Abertos Pelo Cordeiro	35
Estudo 10 - Deus Salva o seu Povo das Tribulações	39
Estudo 11 - O Sétimo Selo, as Seis Trombetas do Juízo de Deus	

43

Bibliografia

- ASHCRAFT, Morris. Comentário Bíblico Broadman, vol. 12, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.
- BEASLEY-MURRAY, G.R. O Novo Comentário da Bíblia, Vol. 2, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1963.
- BONNET, Luis e SCHROEDER, Alfredo. Comentário Del Nuevo Testamento, vol. 4, 3^a edição, El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1977.
- GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento, 4^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.
- HALE, Broadus David. Introdução ao Estudo do Novo Testamento, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.
- SHEDD, Russell P. A Escatologia do Novo Testamento, 2^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1985.
- STAGG, Frank. Teología Del Nuevo Testamento, 2^a edição, El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1985.
- SUMMERS, Ray. A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.
- TENNEY, Merrill C. O Novo Testamento, Sua Origem e Análise, 2^a edição, São Paulo, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,

infinitamente superior à terrena. Cristo mostra, assim, que o mundo rejeitaria a sua igreja fiel, mas, em contrapartida, ele a aceitaria. O mundo se alegraria com a “morte” da igreja, mas Cristo a vivificaria e a levaria para estar para sempre com ele (Ef. 6:25,26).

Certamente que esta visão do triunfo da igreja, tem o objetivo de incentivar as igrejas de Cristo a deixarem de lado os conceitos, influências e pressões do mundo, sabendo que são manifestações malignas contra a pregação do Evangelho e continuar obstinada e alegremente a pregar o Evangelho autêntico de Jesus Cristo, tendo a convicção de que **devem agradar somente àquele que dá a salvação**, a consciência de que a **vitória do mundo sobre a igreja é aparente e temporária**; a visão de que a **igreja zombada pelo mundo é a igreja aceita pelo seu Senhor** e que o **mundo que zomba da igreja é o mundo que sofrerá o juízo de Deus**; tendo a consciência de que a **fidelidade à Palavra de Deus é que fará com que homens se curvem ao nome de Deus** (v. 13).

CONCLUSÃO

As duas testemunhas são uma figura da igreja de Jesus Cristo, que tem a missão e a capacidade de testemunhar dele como o Salvador, Filho de Deus, que se fez carne, morreu e ressuscitou para que a humanidade, mediante o reco-

nhecimento do seu sacrifício, Pudesse receber a salvação providenciada pelo Pai. O testemunho da igreja de Cristo tem um prazo determinado, que é longo, mas que chegará a um fim. No final dos tempos do testemunho, Satanás, através da besta, aparentemente vencerá a igreja e ela será vista pelo mundo como um cadáver, sem utilidade e sem capacidade de continuar incomodando a humanidade com a contundente pregação do Evangelho. Será zombada por um pequeno espaço de tempo, mas será vivificada pelo Espírito Santo de Deus, diante de toda a humanidade perplexa, que será obrigada a ver a salvação da igreja como uma realidade e, diante do juízo divino, reconhecer a majestade divina.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Atos 1:1-11. Jesus afirma que sua igreja testemunharia poderosamente do seu nome.

Terça - Zacarias 4:1-14. A visão do castiçal e das duas oliveiras.

Quarta - João 15:18-27. Jesus anuncia que o mundo rejeitaria as suas testemunhas.

Quinta - 1Reis 17:1-7. Deus capacita Elias para fazer não chover.

Sexta - 2Reis 1:1-10. Pela palavra do profeta, o juízo de Deus vem sobre os que deixaram a sua Palavra.

Sábado - Ezequiel 37:1-10. Na visão do vale dos ossos secos, a profecia da restauração da igreja.

1

ORIGEM E FINALIDADE DA REVELAÇÃO

Texto básico: Apocalipse 1:1-8

O livro do Apocalipse tem causado, pelo menos, três reações nos seus leitores: curiosidade nos céticos, que não crêem ser a Bíblia a Palavra de Deus; terror naqueles que crêem na origem divina do livro mas preferem permanecer incrédulos quanto à salvação oferecida por Jesus Cristo; e conforto e alegria naqueles que já se tornaram crentes em Jesus Cristo como Salvador de suas almas.

O motivo destas três reações é um só: o livro revela a providência de Deus tanto no que é concernente ao castigo para aqueles que o rejeitam, não recebendo o Seu Filho como Salvador, quanto no que se refere aos galardões para aqueles que humilde e pacientemente creram na providência salvadora de Deus e procuram viver uma vida cristã autêntica, de submissão ao Senhor.

Para nós, crentes em Jesus, o livro do Apocalipse é de grande importância, porquanto é o fecho das Escrituras, a revelação escrita de Deus aos seus servos e nos leva a reflexões importantes sobre comportamentos e atitudes que devemos adotar diante de tudo o que já aconteceu às igrejas de Cristo e o que ainda há de acontecer, principalmente nos últimos tempos.

Será de grande importância e valia, termos, inicialmente, uma visão nítida a respeito da origem, finalidade e objetivo deste livro.

A ORIGEM DA REVELAÇÃO

A origem do livro do Apocalipse é divina e a revelação é feita pelo próprio Senhor Jesus Cristo que se fez mensageiro (esta é a tradução da palavra grega ‘angelos) de Deus para transmiti-la a João, seu apóstolo. Isto é o que lemos na introdução do livro, onde o apóstolo afirma que estava escrevendo a “revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu”.

Uma das grandes dificuldades que estudiosos da Bíblia encontram no que é referente à interpretação e aplicação prática deste livro, reside

em uma idéia distorcida a respeito da sua origem. Isto porque há os que crêem que a origem do livro é humana, o que faz com que procurem interpretá-lo à luz de conceitos calcados em interesses e propósitos humanos. Por exemplo, muitos comentaristas deste livro prendem-se à idéia de que o livro nasceu da própria mente do apóstolo João, que disse ser originário a partir de Jesus para dar-lhe mais autoridade e que ele próprio teria criado certas figuras alegóricas a fim de camuflar a sua mensagem de incentivo às igrejas.

Ora, quando alguém pensa que a Bíblia ou um livro dela é originado na imaginação humana, naturalmente não procurará olhar seu conteúdo sob o prisma sobrenatural divino, mas sob o prisma natural humano; não o estudará com o respeito que merece uma revelação de Deus para o homem, mas haverá de estudá-lo apenas com a curiosidade de quem está pesquisando um livro muito antigo, escrito por algum homem do passado, com objetivos pessoais para pessoas, também, do passado. Uma pessoa assim, não procurará aplicar os ensinamentos à sua vida, porque pensará que é um livro escrito por alguém que viveu numa sociedade remota passada, com costumes e realidades diferentes. Na sua mente, o livro não terá qualquer valor espiritual. Não procurará interpretá-lo como um todo com a Bíblia, porque não crendo na sua origem divina, não conseguirá crer na sua unidade com toda a Escritura, que é divinamente inspirada.

É de grande importância, então, que o leitor do Apocalipse tenha a convicção de que sua origem é divina e que foi o próprio Senhor Jesus quem providenciou a revelação ao seu servo, apóstolo João. Tendo esta convicção, ele estudará este livro com o coração aberto à iluminação do Espírito Santo, interpretando-o à luz de todos os ensinamentos bíblicos e, principalmente, do Senhor Jesus Cristo.

A FINALIDADE DA REVELAÇÃO

A finalidade do Apocalipse está muito clara na própria introdução do livro: conceder felicidade àqueles que, lendo ou ouvindo as palavras da revelação, derem à Palavra de Deus o valor que merece, guardando o que nela está escrito.

Creio que isto é indiscutível, mas gostaria de dissecar um pouco os três versículos introdutórios para melhor compreensão o significado e a origem da felicidade ali prometida (v.3).

1. A felicidade seria possível a partir de um conhecimento de coisas futuras. João diz na introdução: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem

adivinar. No entanto, lembramos que a adivinhação é proibida por Deus (Lev. 19:31; Deut. 18:10-14), e que profecia é, antes de tudo, a anunciação da Palavra de Deus. A ênfase nesta visão, conforme observamos no estudo anterior, é a Palavra escrita. O que Cristo está mostrando é que as suas testemunhas pregarão a sua Palavra, o seu Evangelho, do qual são participantes; que foi e está escrito para que, conhecendo-os, os homens possam crer e ser salvos (João 20:31). Esse testemunho será por um período longo, porém com prazo determinado (mil duzentos e sessenta dias); e será levado adiante com grande contrição por parte das testemunhas (vestidas de saco) por causa da incredulidade da humanidade (a mesma figura do livro amargo no estômago de João). Esse testemunho não será impedido de forma alguma, porque as testemunhas receberam poder do próprio Senhor para irem adiante, vencendo todos os empecilhos.

A DERROTA DAS TESTEMUNHAS - v. 7-10

Há neste texto a primeira referência à besta, ser maligno que sobe do abismo, representando um instrumento de Satanás na luta contra o Evangelho, que estará com frequência na revelação daqui por diante e cuja identidade será analisada em estudos posteriores.

Cristo anuncia que a besta lutará contra suas testemunhas e as matará,

deixando os seus cadáveres expostos diante do mundo que rejeita os princípios divinos (Sodoma), que despreza e persegue o povo de Deus (Egito) e que crucifica novamente a Jesus Cristo com a rejeição do Evangelho (a grande cidade, uma referência a Jerusalém). As igrejas fiéis ficarão expostas como mortas, inoperantes, diante de todos, que não deixarão de criticar, zombar e de fazer grande festa porque a pregação fiel do Evangelho de Cristo os atormentava (João 3:20).

A VITÓRIA DAS TESTEMUNHAS - v. 11,12

A aparente derrota das testemunhas não dura muito tempo. Três dias e meio é fração infinitamente menor de três anos e meio (mil duzentos e sessenta dias). Isto quer dizer que suas testemunhas ficariam inoperantes, aparentemente derrotadas e sendo zombadas por um curíssimo espaço de tempo, levando-se em consideração o tempo em que estariam testemunhando. A alegria da besta e seus seguidores durará pouco porque as testemunhas, as igrejas de Cristo que se dedicaram a anunciar o seu Evangelho autêntico, serão soerguidas pelo Espírito de Deus e levadas aos céus, quando então, virá o fim.

A voz convidando a subir ao céu mostra a aceitação da igreja pelo Senhor para estar, para sempre, na sua presença, em uma realidade

Isto faz cair por terra o pensamento de que as duas testemunhas seriam a Lei e os escritos dos Profetas, porque não são testemunhas de Cristo, mas elementos escritos que conduziam e anunciam a sua primeira vinda.

2. Duas testemunhas é um símbolo de autenticidade do que está sendo anunciado. Nas cortes judaicas eram necessárias, pelo menos, duas testemunhas para que uma causa fosse considerada autêntica. É oportuno observarmos, também, que o Senhor Jesus, quando enviou setenta discípulos seus em missão de anunciação do Evangelho, mandou-os de dois em dois (Lucas 10:1).

3. As testemunhas foram identificadas com as duas oliveiras e os dois candeeiros que estão diante de Deus. Uma referência a Zacarias 4:1-14 (no texto há somente um candeeiro), onde o candeeiro é a representação de Zorobabel se deixando conduzir pelo Espírito de Deus por causa da sua Palavra e para servir de testemunho à autenticidade da pregação do profeta (v.6-10); e as oliveiras o poder do Espírito Santo para fazer com que o servo de Deus verta de si coisas preciosas (v. 11-14).

4. As duas testemunhas foram identificadas com Elias e Moisés. Isto pode ser constatado pelas expressões “eles têm poder para

fechar os céus” (1Reis 17:1) e “poder sobre as águas para convertê-las em sangue” (Êx. 7:20). Elias e Moisés foram profetas fiéis a Deus na obediência e transmissão da sua Palavra.

Diante desses elementos, podemos compreender que as testemunhas não são somente duas pessoas determinadas, mas toda a igreja de Cristo, de todos os tempos e lugares, que é formada por pessoas que tiveram uma experiência real com o Salvador, fiel à Palavra de Deus (deve ser notado que nas sete cartas escritas no início da revelação dão ênfase à fidelidade e ao trabalho pela Palavra de Deus), que é designada e capacitada por Cristo para profetizar, anunciar o seu Evangelho, passando por lutas, por períodos em que a pregação parece morta, ineficaz, sendo zombada por causa da fidelidade à Palavra, mas vitoriosa diante de tudo isso por causa do poder do Espírito Santo que a capacita.

AMISSÃO DAS TESTEMUNHAS - v. 3,5-6

Uma testemunha tem sempre a tarefa de falar do que viu ou experimentou. A tarefa das testemunhas de Cristo não é diferente. Ele anuncia que suas testemunhas profetizarão. Depois do advento do pentecostalismo, muitos crentes passaram a pensar que profetizar é adivinhar o futuro. Quase que profetizar virou sinônimo de

acontecer”. Que coisas aconteceriam e qual o significado de “brevemente”? Por que o conhecimento dessas coisas permitiria que os servos de Deus tivessem felicidade?

Ninguém pode ser feliz sem a perspectiva de um futuro de paz, segurança e harmonia. Quando o Apocalipse foi escrito (entre 94 e 96 d.C.), um imperador romano chamado Domiciano perseguia ferozmente os cristãos em todo o território do império romano. Subiu ao trono em 86 d.C. e dedicou-se exaustivamente à perseguição dos cristãos. Obcecado em ser adorado como um deus, exigia que todos se curvassem a ele. Torturava, martirizava, exilava e extorquia cristãos aos milhares, principalmente porque se negavam a reconhecer a sua divindade. Era um período de terror para os crentes em Cristo e a angústia parecia não ter fim. Na revelação do Apocalipse, então, o Senhor Jesus mostra, gradativamente, que há uma perspectiva de futuro pacífico, feliz, para aqueles que guardam a sua palavra. Um futuro não neste mundo cheio de misérias e sofrimentos provenientes do pecado que, como veremos em estudos posteriores, irá sempre de mal a pior, mas um futuro em outro lugar, em outra realidade.

No entanto, se ficarmos pensando que a finalidade da revelação seria mostrar esse futuro feliz somente para aqueles que eram perseguidos pelo imperador Domiciano, o valor do livro desaparece para os leitores que viveram e vivem em outras épocas e realidades, porquanto a sua mensagem ficaria tendo validade somente para os cristãos sob o domínio de Roma, no passado.

Certamente que a finalidade não foi somente para os crentes que viviam no período de perseguição romana, porém para todos os crentes, em todas as épocas e sociedades. O livro do Apocalipse aguça nossa visão da realidade de uma cidade celestial, quando passamos por situações difíceis aqui neste mundo; torna clara a realidade de que somos peregrinos neste mundo; nos conforta quando ficamos desiludidos com governos, lutas familiares, com dificuldades econômicas; nos conforta quando ficamos oprimidos com perseguições físicas ou psicológicas de indivíduos que odeiam o Evangelho. A mensagem de felicidade é real também para os servos de Cristo que viveram após o domínio imperial romano, porque terão sempre a visão das coisas futuras, celestiais, que nos estão reservadas fielmente, porque um dia nos fizemos servos de Jesus Cristo.

2. A felicidade é possível aos que dão valor à palavra de Deus escrita. Há um costume moderno dentro do cristianismo de se colocar a importância das Escrituras em segundo plano. Inúmeros grupos que se denominam evangélicos, defendem que o que está escrito na Bíblia é irrelevante diante de uma suposta revelação oral da atualidade, recebida por alguma pessoa que se

diz capacitada por “receber “mensagens” do Espírito Santo; ou por estar “incorporada” de Jesus ou Deus, falando como se fosse o próprio Deus, que abre sua boca e force o dizeres bíblicos em benefício próprio ou de outrem. São pessoas fadadas ao sofrimento eterno porque não dão valor às Escrituras e são elas que testificam de Jesus Cristo como Salvador e Senhor (João 5:39). Já no Velho Testamento lemos da felicidade e prosperidade no que é concernente ao reino de Deus para aqueles que observam a Palavra de Deus escrita (ver, como exemplo, Josué 1:8 e Salmo 1). Agora, no último livro da Bíblia, que é o fecho das Escrituras Sagradas, lemos novamente da felicidade daqueles que leem, ouvem e guardam as palavras escritas, transmitidas por Deus para a felicidade dos seus servos.

OBJETIVO DA REVELAÇÃO

Quando nos referimos a objetivo, estamos fazendo referência ao público alvo da revelação. Quem Deus queria alcançar com a revelação das coisas que aconteceriam no futuro? Quem poderia ser feliz lendo as coisas que estão escritas na profecia do Apocalipse? Os que rejeitam o Filho de Deus? Os que vivem como se o amanhã fosse eterno dependendo somente dos esforços deles próprios? Os que endurecem seus corações para Deus e seus princípios estabelecidos para a humanidade? Certamente que não. Como veremos adiante, são exatamente estes que não têm qualquer perspectiva de futuro e felicidade eternos. São exatamente os que rejeitam a Cristo que são mostrados como sofredores, angustiados, entenebrecidos diante do que Deus tem reservado para os incrédulos. A felicidade apontada na revelação do Apocalipse é reservada aos servos de Jesus Cristo, é direcionada aos que se fizeram discípulos, segui-dores, servos do Filho de Deus.

Observe-se com atenção o destaque que fazemos do primeiro versículo: “*Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer...*” Deus está interessado em conceder felicidade aos seus servos. O Apocalipse é um livro terrível para os incrédulos e produz para eles verdadeiro terror, exatamente porque não foi direcionado a eles. Mas, para os servos de Jesus Cristo, é um livro de esperança e conforto espiritual..

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Josué 1:1-9*

Quinta - *Lucas 20:27-38*

Terça - *Salmo 1*

Sexta - *João 5:31-36*

Quarta - *Mateus 24:31-46*

Sábado - *João 14*

Estudo 13

AS DUAS TESTEMUNHAS

Texto básico: Apocalipse 11:3-14

QUEM SÃO AS TESTEMUNHAS - v. 3 e 4.

Após a ordem de medir o templo, o altar e os adoradores, de também receber a ordem de deixar de lado o átrio exterior do templo, o mensageiro, informa que daria poder às suas duas testemunhas e que pregariam por um espaço de tempo, até que seriam mortas, ressuscitadas e levadas ao céu.

É um texto complexo, atraente pelo seu aspecto místico, e que atrai muitos que se preocupam em saber quem são as testemunhas. Quase sempre procuram identificá-las literalmente com as mais diversas personalidades ou instituições, esquecendo-se porém de que o Apocalipse é revelado através de símbolos. Quando nos recordamos disso, a identificação não fica tão difícil assim, e terminamos por perceber que o que há de mais importante neste texto é: a) a anunciação de como agiriam as testemunhas de Cristo; b) o que as capacitaria a testemunhar; c) o que aconteceria com elas; e d) o resultado do testemunho.

Assim sendo, passemos inicialmente à identificação delas.

1. *São pessoas que passaram por uma experiência com Cristo.* Não há uma referência a mensageiros celestiais e nem mensageiros humanos comuns, porém a pessoas que passaram por uma experiência com Cristo. Chegamos a essa conclusão pela observação da expressão de Cristo, “minhas testemunhas”. Há uma grande diferença entre um mero mensageiro, que não precisa ter participado do que deu origem ao teor da mensagem e uma testemunha. Esta, para ser uma testemunha autêntica, necessariamente teve que se envolver de algum modo com o elemento que deu origem à mensagem que transmitirá. Resumindo, uma testemunha é um mensageiro especial porque participou dos acontecimentos que deram origem à mensagem. Isto quer dizer que são pessoas que passaram por uma experiência com Cristo, já que ele as designa como *suas* testemunhas, e que a mensagem pregada é a mensagem de Cristo.

Interligando a ordem anterior, a de pregar a mensagem divina escrita, com a de medir o templo, ficamos conhecendo o significado da ordem na sua totalidade: **o pregador deveria conhecer perfeitamente a mensagem que pregaria, o evangelho de Jesus Cristo que anuncia aos homens a comunhão com Deus através do sacrifício de Jesus.** Isto lhe daria capacidade de profetizar a todas as nações de maneira perfeita, guardando e anunciando a verdadeira mensagem.

3. Deixar de medir o átrio fora do templo. O átrio era um lugar de acesso livre a qualquer pessoa, mesmo os que não pertenciam ao povo de Deus, onde não existia culto, nem manifestação divina. Esta ordem significa, então, **deixar de lado a periferia, o que não era a essência da mensagem**, que qualquer um poderia se preocupar. Essa periferia da mensagem do Evangelho, fora entregue aos que não pertencem ao povo de Deus, que não são servos de Jesus Cristo, mas que perambulam pelos arredores da fé cristã, sem vivê-la através de uma experiência com Cristo de conversão, mas aproveitando do nome dele para auferir algum tipo de vantagem (nos Evangelhos temos a visão de Jesus expulsando do átrio exterior do templo de Jerusalém, aqueles que se aproveitavam do sistema de cultos judeus para auferirem lucros pessoais - Mat. 21:12-22; Mar.

11:15,16). Deveria ser deixada de lado, porque os falsos servos perambulariam por ela e perderiam um tempo relativamente longo (representado pela expressão quarenta e dois meses, igual a mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio), mas de final determinado. Seriam os que pareceriam estar na Cidade Santa (a igreja de Cristo, conforme veremos em estudos posteriores), mas somente como peregrinos, sem fazer parte, de fato, do reino de Deus.

CONCLUINDO

A visão do recebimento do pequeno livro com a ordem de engoli-lo e profetizar, juntamente com a ordem de medir o templo, o altar e os verdadeiros adoradores, é uma síntese do que seja viver o cristianismo como servos de Cristo: recebendo a sua mensagem que está nas Escrituras, interiorizá-la e anuciá-la com objetividade e conhecimento, preocupando-se com a sua essência de levar pessoas à possibilidade de comunhão com Deus, à partir de uma verdadeira adoração através do Cordeiro que morreu para levar o homem ao seu Criador.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mal. 3:1-6
Terça - Mat. 21:12-22
Quarta - Salmo 15
Quinta - Gên. 22:1-13
Sexta - João 4:19-24
Sábado - João 5:26-40

2

AS REALIDADES DA VIDA CRISTÃ

Texto básico: Apocalipse 1:4-9

1. A graça e a paz vêm das três manifestações de Deus.

As realidades da vida cristã são essencialmente espirituais. Por estarmos no mundo, vivendo a materialidade, constantemente nos esquecemos disso e sentimos muito mais o que é físico do que o que é espiritual. Por isso o mundo sem paz pode nos tirar a paz. Por isso as aflições deste mundo nos fazem sofrer tanto.

Ainda na introdução do livro do Apocalipse o apóstolo João faz uma declaração que contém, pelo menos, quatro realidades que imperam na vida daqueles que se fizeram servos de Jesus Cristo e que faz com que nos voltemos primeiramente para o que realmente deve sustentar a nossa alegria, paz e segurança.

Observemos, com atenção, quais são essas realidades.

A REALIDADE DA GRAÇA E DA PAZ

A primeira realidade é a da graça e da paz que vêm de Cristo para os seus servos. Os crentes, ao lerem o Apocalipse, já começam a ser confortados com a visão de que desfrutam de uma graça maravilhosa e de uma paz que não vem deste mundo. Sobre esta realidade percebemos que:

Há quem negue a existência do que os teólogos chamam de *trindade divina*, afirmando que a expressão não existe na Bíblia. De fato não existe, porém a realidade da tríplice manifestação divina é constantemente registrada nas Escrituras. Os profetas fizeram referência a ela, Jesus e os seus apóstolos também. A vida dos crentes em Cristo é repleta de graça (dádiva imerecida) e de paz e, tanto quanto outra, são originadas no próprio Deus, através das suas três manifestações:

a) Do Deus que é eterno e Todo-poderoso - v. 4 e 8. Deus sempre existiu no passado, e existe no presente e sempre existirá no futuro. Sempre foi e sempre será o Todo-poderoso que fez todas as coisas, que permite tudo o que acontece e que virá e cobrará do homem a sua responsabilidade de ser livre para agir e escolher como agir. A nossa graça e a nossa paz vem do Deus Pai, porque foi a ele que ofendemos, porque foi ele quem providenciou a

nossa salvação, foi ele quem nos amou e demonstrou esse amor enviando Seu Filho para morrer por nós. Esse ser Todo-poderoso inclinou-se para nós e nos socorreu no nosso pecado.

b) Do Espírito de Deus que é perfeito e está diante dele - v. 4. Para os hebreus o número sete significava perfeição absoluta e era o número que simbolizava o próprio Deus. A referência aos sete espíritos traz a idéia do Espírito de Deus que se individualiza perfeitamente na totalidade daqueles que se fizeram servos de Deus. A presença do Espírito de Deus nos seus servos é a manifestação presente da misericórdia do Deus Todo-poderoso e perfeito que habita nos seus servos finitos, imperfeitos, com a finalidade de ensiná-los, conduzi-los, fortalecê-los e confortá-los.

c) Do Filho de Deus que testifica do Pai - v. 5. Testifica da Sua Palavra, uma vez que ele é a própria personificação da Palavra de Deus (João 1:1-14). Ele veio como cumprimento da promessa de Deus, de que enviará um Salvador para a humanidade. A sua vinda ao mundo, o seu nascimento milagroso, o seu ministério, a sua morte e ressurreição testificam do poder e do amor de Deus.

A vida cristã é **fundamentada** na realidade da dádiva da salvação que Deus providenciou através do seu Espírito e do seu Filho; e é **vivida** na

paz que é produzida pela presença e pela ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo em cada um de nós.

2. A graça e a paz são direcionadas às igrejas.

Todo o livro do Apocalipse enfatiza a igreja do Senhor Jesus Cristo dando-lhe posição de destaque no reino de Deus. No entanto, nos tempos atuais, as igrejas têm sido desprezadas e vilipendiadas em suas características neo-testamentárias, nas suas finalidades e objetivos. Há um crescente número de indivíduos que pregam que não é necessário um crente pertencer a uma igreja; que parecem valorizar a igreja, mas que fazem tudo para desfigurá-la, transformando-a somente em um aglomerado social de indivíduos sem regeneração e sem vínculo com Jesus Cristo.

É interessante observarmos que a referência ao Espírito Santo parece estar vinculada aos destinatários da revelação, uma vez que são sete espíritos diante do trono de Deus e a revelação é dirigida a sete igrejas. Alguns crêem que a revelação foi dirigida somente às sete igrejas que estão na Ásia que receberam as sete cartas, por causa problemas que enfrentavam de apostasias, imoralidades e perseguições. Mas isto delimitaria demais o livro do Apocalipse e ele perderia a sua importância para as demais igrejas

referência histórica ao fato dele ter saído novamente a pregar pelo mundo afora. Aqui há um simbolismo na ordem dada ao apóstolo. Ele representaria, de fato, todos os discípulos de Jesus que compõem as suas igrejas, que estariam recebendo a ordem de continuar pregando o Evangelho mesmo diante da insensibilidade dos ímpios para as manifestações da justiça de Deus (9:20,21). É importante essa ordem dada a João porque ele estava preso exatamente por causa da pregação da Palavra e tinha recebido revelações que mostravam a incredulidade dos povos e a necessidade de continuar pregando. Os crentes estavam sendo perseguidos, sofrendo, rejeitados, mas o evangelho precisava continuar sendo anunciado a todas as nações.

8. A mensagem deveria ser anunciada apesar do seu resultado. A mensagem era de justiça divina. Por isso era agradável ao servo de Deus. Mas o seu resultado seria amargo, inclusive para os seus pregadores, uma vez que produziria muita dor e sofrimento entre as nações. Para o pregador é amarga porque ele sofre ao ver a incredulidade e por conhecer qual será o resultado dessa incredulidade. Para o incrédulo é, também, amarga, porque a mensagem anunciada servirá para tornar o ímpio indesculpável diante de Deus.

AMEDIÇÃO DO TEMPLO 11:1,2

Após receber a ordem de anunciar a mensagem escrita que recebera, o apóstolo João recebe um instrumento de medição e a ordem de medir o templo de Deus, o santuário e as pessoas que nele adoram. Ao contrário do que alguns pensam, não é uma outra visão, porém a continuação do diálogo do mensageiro (Cristo) com ele. O que ela representaria para os leitores?

1. Medir representa conhecer de maneira exata. O anjo estava mandando que o servo de Cristo conhecesse perfeitamente o templo de Deus, o lugar de sacrifício (altar), onde Deus se manifestava e os verdadeiros adoradores de Deus.

2. O templo e o altar representam comunhão com Deus através do sacrifício do Cordeiro. E não existe comunhão com Deus sem adoradores, por isso é dada a ordem de medir, também, os adoradores do templo. O templo da visão **não era o templo de Jerusalém**, como tantos afirmam, uma vez que ele já tinha sido destruído pelos romanos há, pelo menos, 25 anos. Também não é um anúncio da restauração do templo de Jerusalém aqui neste mundo, como tantos outros afirmam, porque o Apocalipse mostra que tudo aqui será destruído.

mensageiro forte, vigoroso, que clamou com voz muito forte.

2. Era uma mensagem divina. O mensageiro descia do céu, trazia consigo o arco íris, demonstrando a sua divindade (anteriormente o arco tinha sido visto por João acima do trono de Deus) e estava envolvido por uma nuvem (no Velho Testamento simbolizava a presença de Deus).

3. Era uma mensagem que deveria ser conhecida por todo o mundo. O pequeno livro já veio aberto do céu, significando que o seu conteúdo não deveria ser guardado em segredo. Além disso, o mensageiro colocou um pé sobre o mar e o outro sobre a terra, dando a idéia da universalidade da mensagem.

4. Era uma mensagem que tinha um teor de justiça divina. Os pés do mensageiro como colunas de fogo deixam isso demonstrado, por quanto Deus sempre manifestou a sua justiça sobre a impiedade com fogo, desde que prometeu não mais justiçar a humanidade através da água, após o dilúvio.

5. Era uma mensagem imutável. O mensageiro trazia na sua mão um livro pequeno aberto. Um livro contém palavras escritas que se perpetuam, sem possibilidade de ser distorcidas. Aliás, devemos lembrar que o Senhor Jesus venceu a tentação no deserto citando as Escrituras, sempre iniciando a sua

resposta a Satanás dizendo “está escrito”. O significado disso era o de que a mensagem divina é imutável e deve ser propagada sem alterações, como ela é.

6. Era uma mensagem que revelava o mistério de Deus. Isto foi anunciado pelo mensageiro (v. 5-7), quando mandou que João não se preocupasse em anunciar o que ouvira dos sete trovões, porque já não havia mais tempo, pois o sétimo anjo estava para tocar a sua trombeta e a mensagem que já fora transmitida pelos profetas do passado iria se cumprir.

Há especulações a respeito do que seria este mistério e, em alguns meios chamados evangélicos, principalmente os neo-pentecostais, já virou até motivo de um misticismo exagerado. Mas podemos aceitar que o mistério seja o evangelho de Cristo que foi anunciado desde os tempos antigos (Jo 5.39, Rm 16.25, 1Co 2.7, Ef 3.4). Estava determinado por Deus e escrito que um dia ele julgaria as nações e que o elemento de julgamento seria a fé dos que creram no seu Filho.

7. Era uma mensagem que deveria ser anunciada pelos servos de Cristo. A João foi dada uma ordem divina de comer o pequeno livro (v. 8-10). A maioria absoluta dos comentaristas se referem a esta ordem como sendo dada ao próprio apóstolo João. No entanto, João estava preso na Ilha de Patmos, já no final da sua vida, e não há qualquer

que existiam na época em que foi escrito e para as demais igrejas que viriam a existir no futuro. Para compreendermos o que simboliza esta destinação, devemos lembrar novamente o significado do número sete, perfeição absoluta; e isto nos leva a pensar que o livro é escrito à totalidade das igrejas de Cristo, sem deixar nenhuma de fora. Igrejas que estariam ligadas, na sua totalidade, ao trono de Deus, pela presença do Espírito Santo em seu seio.

Não há vida cristã sem igreja e a paz de Cristo é sempre direcionada às suas igrejas que estão sobre a face da terra.

A REALIDADE DA GLORIFICAÇÃO E SERVIÇOS PARA DEUS

No versículo 6, lemos que o Senhor Jesus Cristo, através do seu sangue, nos lavou dos nossos pecados e nos transformou em reis e sacerdotes para Deus.

Existe no versículo a declaração de duas realidades que parecem conflitantes, mas que se harmonizam perfeitamente: elevados à posição de reis, os servos de Deus foram glorificados; e, elevados à posição de sacerdotes, foram investidos em uma função de serviço. Fomos feitos reis porque fomos feitos herdeiros do reino de Deus, em Jesus Cristo, Filho de Deus; fomos feitos sacerdotes

porque ficamos incumbidos de levarmos pessoas à presença de Deus, através da pregação do evangelho de Jesus Cristo (1Pd 2.9).

Mas existe nesta realidade da vida cristã, uma outra realidade: a de que, sendo reis e sacerdotes, não estamos isentos de sofrermos as aflições deste mundo. Somos reis e sacerdotes de um outro reino que não é deste mundo. Pertencemos ao reino celestial. Aqui somos ignorados, perseguidos, aviltados, desprezados. O exemplo está no versículo 9, onde o próprio apóstolo João, o responsável por registrar a revelação, afirma ser companheiro nas aflições que os servos de Cristo passavam. Para se ter uma noção da aflição do apóstolo, João estava desterrado na inóspita ilha de Patmos quando recebeu a incumbência de transmitir a revelação.

A REALIDADE DA EXPECTATIVA DA VINDA DO FILHO DE DEUS

O apóstolo lembra esta realidade ao afirmar, no versículo 3, que o tempo está próximo. Logo depois, torna a lembrar da proximidade do fim, ao falar sobre a vinda do Filho, no versículo 7.

Não há vida cristã autêntica sem a expectativa da vinda de Cristo. O juízo final, a vinda do Filho de Deus, está presente em todas as Escrituras, desde o livro de Gênesis. O Senhor

Jesus sempre alertou seus discípulos para a sua vinda futura, em um dia determinado por Deus para o juízo final.

Esta expectativa é vivida pelos servos de Cristo, principalmente por três motivos principais:

1. Porque o tempo está próximo. É o que está afirmado no texto (v. 3). Alguns crêem que a revelação do Apocalipse era somente para a época próxima à que foi escrita, por causa dessa expressão. No entanto, deve ser lembrado que o início jdo final dos tempos aconteceu com a entrada do Verbo de Deus na temporalidade. Frank Stagg, em sua obra *Teología del Nuevo Testamento*, publicada pela Casa Bautista de Publicaciones, 2^a edição, 1985, diz que “a escatologia realizada é o ponto de vista de que quanto Jesus veio ao mundo, vieram o mesmo juízo e sua redenção. O que será completado finalmente, já está presente em Jesus. Quando a Palavra se fez carne, Deus veio à história com sua dádiva e seu ajuste de contas definitivo”. Vivemos desde já o final dos tempos. Daí a nossa expectativa.

2. Porque confiamos na promessa de Jesus. Ele disse que voltaria (Mat. 25:31), seus anjos também disseram quando subiu ao céu (Atos 1:11); e seus discípulos ensinaram (1 Cor. 15:23); 1 Tes. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; 2 Tes 2:1,8; 2 Pedro 1:16; 3:4,12; 1 João 2:28) e nós

somos crentes. Ou seja, somos crédulos no que Jesus e seus apóstolos ensinaram. Por isso, no conjunto da nossa crença em Jesus Cristo está a expectativa da sua volta para julgar os vivos e os mortos.

3. Porque desejamos a sua glorificação. João manifesta este desejo que existe em todos nós, ao exclamar escrevendo: “a ele glória e poder para todo o sempre”. Jesus foi perseguido, zombado, vilipendiado, morto como malfeitor, por nossos pecados. Por isso todos ansiamos vê-lo descendendo dos céus, sentando-se no seu trono para julgar todos os povos. Ansiamos por ver a humilhação dos que o traspassaram, dos que lhe cuspiram, dos que o esbofetearam. Ansiamos por ver governantes e homens orgulhosos, zombeteiros, ajoelhando-se diante daquele que é o nosso Senhor, daquele a quem tanto amamos por nos ter dado da sua própria vida. Essa expectativa será sempre presente em nós, como uma realidade da vida cristã, até que aconteça a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 40
Terça - João 16
Quarta - João 1:1-14
Quinta - João 14
Sexta - João 15:1-16
Sábado - Atos 1:1-11

Estudo 12

O LIVRINHO E A MEDIDA DO TEMPLO

Texto básico: Apocalipse 10 e 11:1,2

O apóstolo João estava recebendo a revelação do Apocalipse e os mensageiros de Deus marcavam sempre uma grande presença, nas mais diversas atividades. Na última visão, os anjos tocavam suas trombetas e a justiça de Deus era manifestada sobre a humanidade que sofria mas não se arrependia. De repente há como que um intervalo preparatório para as revelações seguintes e ele vê outro mensageiro celestial, mas dessa vez vindo em sua direção trazendo-lhe um pequeno livro aberto. É uma visão de difícil interpretação e que deve ser estudada com cuidado para que a compreendamos.

O MENSAGEIRO - v. 1-4

Comentaristas têm tido dificuldade em definir quem seja este mensageiro porque ele não pode ser identificado com nenhum outro anjo visto por João anteriormente e, ao mesmo tempo, porque relutam em identificá-lo com Cristo, porque este, como dizem, não é um anjo. No entanto, esta dificuldade não tem

razão de ser porque, como já vimos, ‘angeli’ não é a designação de um ser celestial, porém designação de uma função. Ou seja, anjo é um mensageiro, um ser incumbido de transmitir uma mensagem. Além disso, no Velho Testamento, o Filho de Deus, o Verbo não encarnado, é chamado de “o anjo do Senhor”.

Na visão pode ser visto conclusivamente que o mensageiro é Cristo pelo fato dele ter afirmado a João que **daria poder às suas duas testemunhas** (11:3).

A MENSAGEM
v. 2,8-11

A mensagem era de tanta importância que o próprio Senhor Jesus, como o mensageiro de Deus, pessoalmente, a trouxe ao seu servo João. Ela deve ser analisada com atenção para que compreendamos a sua importância.

1. Era uma mensagem que deveria chegar aos servos de Cristo de qualquer maneira. Isto estava simbolizado na figura de um

cavaleiros eram como que tochas de fogo; e os cavalos eram ferozes animais que expeliam pela boca fogo, fumaça e enxofre, além de terem caudas semelhantes a serpentes.

Toda esta visão simbolizava a capacidade de destruição desse exército vindo da parte de Deus, liderado por quatro anjos de Deus, com a finalidade de destruir uma grande parte da humanidade.

OBJETIVO E RESULTADO DAS SEIS MANIFESTAÇÕES DA JUSTIÇA DE DEUS

9:20,21

O objetivo de Deus, ao enviar terríveis calamidades sobre a humanidade, é apresentado neste breve comentário ao final da apresentação das seis trombetas: o arrependimento da rejeição ao Deus verdadeiro; da idolatria, da feitiaria, dos homicídios, dos furtos e das imoralidades.

Lamentavelmente o resultado é triste. Apesar de tanto sofrimento amargado e presenciado pelos que escaparam com vida, não houve arrependimento algum, e a revelação nos mostra que a maior parte da humanidade endurecerá sempre o seu coração e nunca chegará ao arrependimento, apesar de os homens sofrerem as consequências do seu próprio pecado. Que, inclusive se voltarão mais ainda contra Deus.

CONCLUSÃO

Deus não se deixa escarnecer e providencia para que a sua justiça seja sempre cumprida e manifestada sobre seres humanos que o rejeitam. Quando castiga, o seu primeiro objetivo é sempre o arrependimento do homem. Se este não se arpende, sofre por causa do próprio endurecimento de coração. Artifícios humanos para modificar a sociedade, procurando fazer com que ela encontre melhores dias, de nada adiantarão porque a humanidade, na sua grande maioria e em todos os tempos, não se curva à justiça divina para reconhecer que precisa de arrependimento e para aceitar o Cordeiro como Salvador. E isto fará com que vá sempre de mal para pior.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 141. O desejo do servo de Deus de que as suas orações subam à sua presença.

Terça - Ezequiel 11:1-13. Deus manifesta a sua justiça sobre os que praticam iniquidade.

Quarta - Lucas 8:26-31. Os demônios habitam no abismo.

Quinta - Éxodo 10:12-16. A destruição dos gafanhotos.

Sexta - Jó 3. Um homem atormentado que deseja a morte.

Sábado - Isaías 47:8-15. Não há quem salve os que não se arpendem.

Estudo 3

O INÍCIO DA REVELAÇÃO A VISÃO DO SENHOR

Texto básico: Apocalipse 1:9-20

Até o versículo 8, o apóstolo João ainda não tinha apresentado a revelação propriamente dita, mas somente os aspectos introdutórios. A partir do versículo 9, ele passa a descrever o que viu, registrando inicialmente **o lugar onde estava** (na Ilha de Patmos), **porque estava lá** (havia sido desterrado pelos romanos por causa da sua fidelidade à Palavra de Deus e suas pregações a respeito de Jesus Cristo), **como se deu a revelação** (foi arrebatado em espírito - ficou em estado de êxtase, porém de posse das suas faculdades mentais e sensitivas), e **quando aconteceu** (no dia do Senhor - uma referência ao primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Jesus).

No início da revelação há uma apresentação pessoal do seu autor que manifesta a sua autoridade através da palavra, dando uma ordem vigorosa ao apóstolo: escrever o que via em um livro, e enviar a sete igrejas determinadas,

localizadas na Ásia. A primeira visão acontece quando João se vira para ver quem falava com ele e tem visualiza uma cena com os seguintes elementos:

SETE CASTIÇAIS DE OURO

v. 12, 20

Um castiçal é um utensílio onde se colocam lâmpadas. Naquele tempo, tochas de fogo. O ouro representa algo de extremo valor. Eram sete castiçais, número que representa, como vimos em estudo anterior, pluralidade perfeita, completa. Aqui já podemos observar o aspecto figurativo do Apocalipse, pois o que João viu não tinha o valor do que era realmente, mas representava algo de muito valor.

É o próprio Jesus quem revela ao apóstolo o significado dessa representação, dizendo-lhe que os sete castiçais eram as sete igrejas (v. 20) para as quais deveria ser enviada a revelação escrita.

Não é difícil de compreender porque as igrejas eram representadas por castiçais de ouro. Havia ali a representação da função da igreja de luminar o mundo (Mat. 5:13-16), da sua beleza (Ef. 5:27), e do seu grande valor para Cristo (Ef. 5:25). É uma visão de grande importância para quem inicia a leitura do Apocalipse, pois perceberá que esse valor da igreja estará presente até o final da revelação.

ALGUÉM NO MEIO DOS SETE CASTIÇAIS - v. 13-18

Não sabemos em que disposição estavam os sete castiçais, mas certamente formavam alguma figura que permitia uma área interna. No meio estava um ser pessoal que o apóstolo João descreveu como semelhante ao Filho do homem, ou seja, Jesus Cristo. João o reconheceu mesmo depois de tanto tempo sem vê-lo, mas ele estava diferente. Sua aparência é descrita da seguinte maneira:

1. Suas vestimentas - v. 13. Usava uma roupagem comprida e um cinto de ouro. Era uma vestimenta que, além de demonstrar a majestade de Cristo, ainda representava a sua posição de Sumo Sacerdote (Heb. 4:15) e Rei (1Tim. 6:15). As vestes compridas eram utilizadas pelos sacerdotes e um cinto de ouro à altura do tórax era utilizado pelos reis.

2. Seu aspecto físico - v. 14-16. Os cabelos eram branquíssimos, simbolizando a sua eternidade (Dan. 7:9); **seus olhos brilhavam como chamas de fogo**, significando o olhar que penetra nos lugares mais escondidos, ou seja, manifestando sua onisciência que lhe permite saber todas as coisas em todos os lugares e tempos. **Seus pés reluzentes como o latão** (metal que era considerado o mais resistente nos dias de João) demonstravam a sua fortaleza tanto em avançar irreversivelmente na direção que quisesse, quanto para esmagar seus inimigos. **Sua voz era poderosa como o estrondo de muitas águas**, significando o poder da sua palavra; **da sua boca saía uma aguda espada de dois fios**, demonstrando que o seu poder de ataque está na sua Palavra. Finalmente, **o seu rosto brilhava intensamente**, como o sol, manifestando a sua glória divina.

3. O que tinha na mão direita - v. 16, 20. Tinha sete estrelas, sete luminares intensos. Não há mistério quanto a representação das sete estrelas, uma vez que o próprio Senhor Jesus tratou de desvendá-lo para o seu apóstolo e, logicamente, para nós. Elas representavam os sete mensageiros das sete igrejas referidas anteriormente.

O que precisamos compreender com clareza é o motivo de estarem na mão direita e quem são os mensageiros. No primeiro caso, a

atingindo a humanidade indiretamente, mas sobre a própria humanidade.

A quinta trombeta é tocada e o apóstolo tem, novamente, uma visão de algo que vem do céu: uma estrela que abre um profundo poço, que alcança o mais profundo abismo. Aberto o poço, sobe dele uma grande fumaça da qual sai um exército terrível, para causar mal aos que não têm na frente o selo de Deus (isto quer dizer que os servos de Deus, neste momento terrível, estão no mundo e, ao contrário do que muitos ensinam, não foram arrebatados). Não poderiam matá-los, mas causar um tormento por um período de tempo determinado, nem curto nem muito longo, tão terrível que ficariam a buscar a morte, porém sem alcançar êxito.

O exército tinha uma aparência terrível. Eram gafanhotos, insetos temidos pela sua capacidade de devastação da vegetação, só que proibidos de devastá-las, se voltariam contra os homens. Foram liberados das profundezas do abismo, trazendo a idéia de que eram seres infernais. Eram extremamente altivos (conduziam coroas como que de ouro sobre a cabeça); inteligentes (seus rostos eram como rostos de homens); sedutores (tinham cabelos como que de mulheres); ferozes (seus dentes eram como que de leões); indes-

trutíveis (suas couraças eram como que de ferro); velozes (suas asas batiam velozmente); extremamente capazes de provocar sofrimentos (tinham caudas como que de escorpiões). Foram liberados do abismo, vindo das profundezas do mal e eram liderados pelo rei do abismo, cognominado "Destruição".

O que entendemos dessa visão, é que Deus permite que a humanidade má seja castigada com sofrimentos terríveis, pela personificação infernal do próprio mal.

ASEXTA TROMBETA

9:13-19

Ao toque da sexta trombeta, uma voz, vinda do altar que estava diante de Deus (significa que a ordem veio do próprio Deus), ordena ao anjo que tocou a trombeta para que solte os quatro mensageiros, preparados para, naquele dia, liderarem um grande exército destruidor, que mataria a terça parte da humanidade. Era um exército imenso, impressionante, de 200 milhões de cavaleiros que, conforme Summers afirma (A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro, 4^a edição, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, em 1980), "em formação regular, era uma tropa de cavalaria que ocuparia o espaço de uma milha de largura por oitenta e cinco milhas

somente no tempo da destruição de Roma. Argumentam que isto consolaria os cristãos primitivos que estavam sofrendo perseguições da parte do império romano. No entanto, essa argumentação não pode ser válida, uma vez que o Apocalipse perderia o seu valor para o futuro, para os cristãos de outras épocas. Além disso, na anunciação das catástrofes há a referência à destruição de frações não somente do território e povo romano, mas de toda a terra e de frações de toda a humanidade.

AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS - v. 7 a 13

As quatro primeiras trombetas são tocadas consecutivamente pelos arautos de Deus e, ao toque de cada uma acontece uma calamidade sobre a terra, sempre vinda de cima, trazendo a idéia de que são originárias do alto, como manifestações da justiça divina. Ao toque da primeira trombeta desce do céu uma terrível tormenta de enxofre em chamas, de saraiva e sangue, que faz com que a terça parte da terra, da vegetação e das florestas, sejam destruídas. Ao toque da segunda, cai no mar como que um grande monte em fogo, que faz com que a terça parte do mar se torne em sangue, provocando a morte da terça parte das criaturas marinhas e a destruição da terça parte dos navios no mar. Ao toque

da terceira, uma grande estrela ardendo em chamas cai do céu sobre a terça parte dos rios e das fontes de águas tornando-as venenosas, fazendo com que muitos homens morressem. E, ao toque da quarta trombeta, há uma escuridão parcial do dia e da noite, provocados pelo escurecimento da terça parte do sol, da lua e das estrelas.

Os cataclismos abrangem elementos de grande valor para a humanidade, elementos que fazem parte da natureza que é tão preciosa para a vida do homem. São elementos que chegam a ser até mesmo venerados por grande parte da humanidade, como se fossem divindades. Mas Deus mostra o seu poder e a sua justiça, atingindo a humanidade iníqua através da natureza.

A QUINTA TROMBETA 9:1-12

Antes de ser tocada a quinta trombeta há um pequeno intervalo e João vê uma águia (ave que era considerada pelos judeus como um animal de mau agouro) voando pelo meio do céu, anunciando, através de uma lamentação, os grandes sofrimentos que ainda aguardavam os que habitam sobre a terra. Estava anunciando que ao toque das próximas trombetas, as calamidades seriam, não sobre a natureza,

mão direita tanto traz a idéia de poder (Salmo 118:15,16), quanto de posição honrada (Heb. 1:3,13; 1Ped 3.22). Significava, então, tanto a posição honrada dos mensageiros da sua igreja, quanto a realidade de que o poder não lhes pertencia, mas que estavam nas mãos do dono das igrejas, Jesus Cristo.

No segundo caso, algumas complicações têm sido criadas, principalmente por aqueles que insistem em dizer que os pastores são ovelhas de Cristo como outras quaisquer, sem responder por nenhuma responsabilidade especial sobre a igreja. Estes criam muitos desvios e chegam ao cúmulo de afirmar que os anjos seriam seres celestiais que foram designados para estar nas igrejas de Cristo, assistindo-as e vigiando-as. Pura fantasia, sem qualquer respaldo bíblico. Para esta interpretação seria difícil explicar as palavras duras de Jesus Cristo a alguns anjos das igrejas destinatárias das cartas. Não há outra interpretação, a não ser a defendida pela maioria dos comentaristas de renome, de que seriam os pastores daquelas igrejas. Eles foram investidos na função de mensageiros de Jesus Cristo, para anunciar às igrejas a sua Palavra. A interpretação dessa visão, então, seria a de que o Senhor Jesus tem à sua mão direita, como seus auxiliares diretos, os pastores das suas igrejas, e que as representam diante dele (Heb. 13:17), mas que

não têm poder sobre elas, porque o poder é de Cristo.

AS PALAVRAS DE CRISTO AO SEU APÓSTOLO - v. 17-20

O efeito da visão sobre o apóstolo João foi fulminante: ele caiu imediatamente aos pés de Cristo, como se tivesse morto. Em outras palavras, caiu desmaiado. A razão da sua reação está nas primeiras palavras que Jesus lhe dirigiu, “não temas”: ele se encheu de temor. A visão majestosa do Senhor Jesus, em toda a sua glória, eternidade e poder, fez com que sentisse a sua incapacidade de estar diante dele.

As palavras que Jesus lhe dirige, então, demonstram aspectos da sua natureza que são de primordial importância para as aflições dos seus servos e para o que seria revelado.

1. O redentor que consola. O Senhor Jesus colocou sobre sua ovelha a sua mão direita. Aquela mão que simbolizava a plenitude do poder de Cristo, agora servia para consolar o seu servo. As palavras foram curtas, mas impressionantes: “não temas”. João nada tinha a temer diante de majestade de Cristo.

2. O redentor que é eterno. Jesus confortou João apresentando-se como eterno, o primeiro e o último, o que vive e foi morto, mas que está vivo para todo o sempre (v. 17,18). Um redentor eterno não muda.

Mesmo que a sua aparência seja tão gloriosa, ele continua sendo aquele que morreu para salvar suas ovelhas (João 10:27,28) e dar-lhes a vida.

3. Um redentor que se preocupa com a felicidade das suas ovelhas - v. 17-20. Durante o seu ministério aqui no mundo, Jesus sempre se preocupou em confortar as pessoas que o buscavam e o seguiam. São inúmeros os episódios que demonstram assim. No Apocalipse não é diferente. Aquele que João viu, com todo o resplendor e glória, se aproxima do seu discípulo caído e estende-lhe a mão para confortá-lo com palavras de ânimo e felicidade. Mas, a visão de um redentor preocupado com a felicidade de suas ovelhas não se restringe às palavras dirigidas a João. Está, também, no fato de ter repetido ao apóstolo a ordem de escrever o que via. O Senhor Jesus estava cuidando para que seus discípulos fossem bem-aventurados.

CONCLUSÃO

A primeira visão do Apocalipse é da pessoa do Senhor Jesus, suas igrejas e seus pastores. A primeira ordem de Jesus ao seu apóstolo foi a de que escrevesse num livro o que via e que enviasse o livro às suas igrejas. Daí para a frente, toda a revelação irá girar em torno da importância do Cordeiro; da

necessidade de suas ovelhas permanecerem fiéis à sua Palavra para que possam ser vitoriosas e, consequentemente, bem-aventuradas; da importância de as igrejas de Cristo testemunharem com fidelidade e firmeza do seu evangelho de salvação; do poder que recebem para desempenharem a sua tarefa; do tormento que a pregação do evangelho autêntico causa ao mundo; da luta de Satanás para derrotar o plano de salvação divino, através da utilização de falsos profetas que enganam a humanidade e de religiosidades falsas; da justiça de Deus sobre os que rejeitam a sua Palavra; da batalha final de Satanás contra o Cordeiro, a Palavra de Deus e, finalmente, a vitória do Cordeiro que estabelecerá uma nova ordem no universo, onde não existirá mais pecado de espécie alguma. Somente a paz e a felicidade.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Fil. 1:1-11.
Terça - Daniel 7:1-14
Quarta - Daniel 10:1-11
Quinta - Hebreus 4:1-13
Sexta - Isaías 6:1-13
Sábado - Hebreus 13:1-19

Estudo 11

O SÉTIMO SELO - AS SEIS TROMBETAS DO JUÍZO DE DEUS

Texto básico: Apocalipse 8 e 9

Com a abertura dos seis primeiros selos foi revelada a João, de maneira rápida, uma dramatização representativa dos resultados dos conflitos do mal contra Deus recaendo sobre a própria humanidade, até uma visão, também rápida, do juízo final, com o pavor da humanidade resistente ao senhorio de Deus, diante do cataclismo final que abalaria todo o universo.

Antes da abertura do sétimo selo, foi revelado o cuidado de Deus para com seus servos que saíram da grande tribulação terrena, providenciando para que não sofram as consequências da sua ira contra a malignidade, levando-os a serem reconhecidos pelos seus mensageiros da justiça e guardados nas mansões celestiais, pelo Cordeiro.

Agora, na abertura do sétimo selo, a revelação vai enfatizar as consequências do juízo divino, através dos tempos seguintes, sobre

aqueles que não o temem, que não lavaram as suas vestes no sangue do Cordeiro, rejeitando-o como Salvador que se sacrificou. A visão de João, imediatamente anterior à abertura do sétimo selo, dá a idéia da importância desse juízo divino. Primeiramente há um silêncio no céu que traz a idéia de uma grande expectativa; depois são entregues sete trombetas a sete mensageiros de Deus. Deve ser lembrado que as trombetas eram utilizadas para convocações à guerra ou para chamar atenção para importantes anunciações governamentais. O que seria anunciado envolvia o poder divino e o seu povo, e isto é representado pelo altar, o incensário e as orações. O fogo que é tirado do altar, é colocado no incensário e é lançado sobre a terra, mostra que as catástrofes anunciadas seriam provenientes da parte do próprio Deus.

Há comentaristas que procuram localizar as catástrofes anunciadas

Os conduziria pessoalmente às fontes de águas da vida e seriam consolados definitivamente pelo próprio Deus (v. 16,17).

CONCLUSÃO

1. Ninguém escapará da ira de Deus por providenciar um meio próprio de salvação. Deus enviará seus anjos para marcarem seus servos e só serão marcados aqueles que estiverem enquadrados nas características estabelecidas por ele.

2. Não há necessidade de nenhum crente temer o juízo final, uma vez que é Deus quem garante que seus servos nunca sofrerão tribulações que são originadas nele, para castigo daqueles que não o temem.

3. Satanás continua fazendo de tudo para que pessoas não compreendam e não vivam segundo a Palavra de Deus. Devemos lembrar sempre que é exatamente pela crença na Palavra, personificada na pessoa de Jesus Cristo, que o homem será salvo.

4. O Cordeiro é, também, o Bom Pastor. Se permitirmos, ele nos conduzirá sempre em paz, às fontes de águas vivas, aos pastos verdejantes, à vida eterna. Se não o tivermos como nosso Bom Pastor, certamente levaremos uma vida de insegurança, de aflições, de terríveis sofrimentos.

5. Devemos anunciar o Evangelho sem cessar, para que no último dia mais pessoas possam ser marcadas como servas de Deus, e possam estar livres de todo o sofrimento que virá por causa da ira de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Êxodo 12:1-36*. Deus manda seu povo se resguardar, através de uma marca, de todo o sofrimento que viria sobre os egípcios.

Terça - *Josué 13*. A de Canaã, prometida por Deus ao seu povo, é dividida entre as doze tribos de Israel.

Quarta - *Isaías 1:1-18*. Deus limpa o homem dos seus pecados e os torna brancos como a neve.

Quinta - *Hebreus 9:1-15*. O sangue de Jesus Cristo é que purifica o homem do seu pecado e permite que habite no céu, diante do próprio Cordeiro.

Sexta - *1 João 1*. Todos nós somos pecadores, sem excessão. Não fosse o sangue de Jesus Cristo, estariamos todos condenados à perdição.

Sábado - *João 14:1-6*. O próprio Senhor Jesus Cristo foi quem preparou morada nos céus para os seus discípulos

Estudo 4

CARTAS ÀS IGREJAS DE CRISTO - I

Texto básico: Apocalipse 2:1-11

Após ordenar a João que escrevesse em um livro tudo o que estaria vendo e ouvindo, e enviasse às sete igrejas que estavam na Ásia, o Senhor Jesus passa a ditar sete cartas que deveriam ser enviadas às suas igrejas, numa demonstração de conhecimento profundo de suas realidades e preocupação no sentido de que seus servos vivessem de acordo com princípios e objetivos agradáveis a ele.

Há de se pensar, de fato, que o teor das cartas fosse referente a realidades vividas por aquelas sete igrejas, mas não poderíamos afirmar que as cartas foram dirigidas somente a elas. Considerando que o número sete representa perfeição, podemos crer que são cartas dirigidas à totalidade das igrejas e que as virtudes e problemas nelas apontados, são representativos, também, para todas as igrejas, em todos os lugares e épocas.

Certamente que as sete cartas sempre servirão para qualquer igreja de Cristo que deseje viver segun-

do a sua vontade. Daí a grande importância de as estudarmos.

AIGREJADE ÉFESO - vv. 1 a 7

Depois da destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., a cidade de Éfeso tornou-se um dos maiores centros do cristianismo primitivo. O apóstolo Paulo foi o fundador da igreja e o apóstolo João um dos seus pastores. A cidade era um grande centro comercial e possuía um grande número de adoradores da deusa Diana (Atos 19:35), que a reverenciavam fanaticamente.

Na introdução à carta, o Senhor Jesus se apresenta como sendo aquele que está efetivamente presente nas suas igrejas (o que anda no meio dos sete castiçais de ouro) e, também, como aquele que detém o verdadeiro poder sobre ela, representado no seu mensageiro (aquele que tem na sua destra as sete estrelas). O intróito tem um estreito relacionamento com os problemas enfrentados pelos crentes daquela cidade: homens mentirosos diziam

estrelas). O intróito tem um estreito relacionamento com os problemas enfrentados pelos crentes daquela cidade: homens mentirosos diziam ser apóstolos de Cristo e levavam a igreja a deixar para trás suas características de igreja de Cristo (v. 4), colocando-se no rumo da perda da comunhão com Cristo. Ou seja, estava prestes a deixar de ser uma autêntica igreja, estava prestes a ser tirada de entre os castiçais (v.5).

A igreja de Éfeso tinha as seguintes características elogiáveis pelo Senhor:

a) Era uma igreja empreendedora, ativa no serviço do Senhor, que trabalhava incansavelmente pelo nome de Cristo.

b) Não tinha tolerância para com os maus, não lhes dava espaço.

c) Sabia discernir entre os bons e os maus líderes, testando-os a partir da palavra que proferiam.

d) Passava por sofrimentos mas sabia ser paciente.

e) Não era condescendente com as doutrinas heréticas. Não há como se ter certeza de quem seriam os nicolaítas. Irineu, um dos pais da igreja, afirmava que Nicolau de Antioquia, um dos sete diáconos, havia decaído da fé e abraçado erros religiosos impuros. Presumivelmente sejam chamados de nicolaítas aqueles que tinham o mesmo comportamento de Nicolau.

Apesar de ser uma igreja com tantas características elogiáveis, sofreu uma repreensão muito séria

da parte do Senhor, seguida de um alerta seríssimo. A igreja havia abandonado o seu primeiro amor. Uma igreja inicialmente cheia de amor (Atos 20.36 e ss.), havia permitido que houvesse um processo de formação de um vácuo espiritual em seu interior. O amor é a mola mestra de uma vida espiritual sadia, eficiente para Deus, e uma igreja que gradativamente se esvaziava de amor (deixara a plenitude do amor), estava fadada a deixar de ser igreja, a se tornar apenas uma comunidade religiosa, sem o amor a Deus acima de tudo e a comunhão entre irmãos. Não se havia esvaziado de tudo porque ainda produzia obras e tinha características que foram elogiadas pelo Senhor, mas estava a caminho da “falência” como igreja. O alerta é simples e objetivo: “Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras”. Podemos compreender que o Senhor queria dizer que as obras que a igreja estava praticando eram muito boas, mas não eram como as primeiras. E ela precisava retomar a sua força, o seu amor inicial para continuar sobrevivendo.

Finalmente, o Senhor Jesus lembra do prêmio que espera seus servos que compõem suas igrejas: **a vida eterna no paraíso de Deus** (v. 7). O acesso à arvore da vida foi impedido aos homens no princípio (Gên 3.22-24). Mas, através da fé em Jesus Cristo, este caminho foi novamente aberto e a alguns foi

seguinte, João diz que vê uma multidão incontável, de todas as nações, que estavam diante do Cordeiro (v. 9). Ainda podemos ver que a referência a quem seria marcado, no versículo 3, generaliza os servos de Deus, não fazendo referência aos servos de Deus somente do povo de Israel.

A visão reflete a realidade da salvação universal de todos aqueles que se fazem servos de Deus, através do reconhecimento do sacrifício do Cordeiro, pessoas de todos os povos e nações.

4. Os servos de Deus são selados nas frontes - v.3. A fronte tanto é um lugar visível (nenhum mensageiro poderia deixar de ver os servos de Deus e, consequentemente, deixar de ajuntá-los), quanto traz a idéia de mente, de pensamento. A ênfase do Apocalipse e de toda a Bíblia está na crença e conhecimento da Palavra de Deus. O trabalho de Satanás através dos séculos sempre foi o de levar o homem a duvidar e a não conhecer a Palavra de Deus. O verdadeiros servos de Deus são aqueles que não se deixam enganar por se manterem fiéis à sua Palavra e por sempre buscar compreendê-la a partir de uma experiência pessoal com Jesus Cristo, que é a própria personificação da Palavra de Deus (João 1.1; Hebreus 1.2; Apocalipse 19.13).

A VISÃO DA MULTIDÃO DOS CRENTES NO CÉU - v. 9-17

Era uma multidão incontável, de todas as nações, e estava diante do trono, na presença do Cordeiro de Deus. Eram pessoas que haviam crido no Filho de Deus durante suas vidas aqui no mundo, a quem haviam servido, louvado em espírito e a quem tinham confiado a salvação das suas almas. Agora estavam diante dele, louvando-o pessoalmente, desfrutando da salvação eterna que receberam. Estavam em outra realidade, junto com os anjos, com os anciãos, com os quatro seres viventes, e, junto a eles, adoravam a Deus e ao Cordeiro. Estavam fora da realidade deste mundo que é dominado pelo maligno. Estavam ali não pelo mérito pessoal, mas porque tinham sido purificados pelo sangue do Cordeiro (v. 14). Estavam vivendo uma realidade muito diferente da que viveram na terra, pois, conforme foi anunciado a João “saíram da grande tribulação” (v. 14). Estavam vivendo em paz, fazendo o que sempre desejaram fazer perfeitamente: adoravam e glorificavam a Deus (v. 12) e, ainda, tinham a promessa de que continuariam vivendo para sempre longe de toda a dor e sofrimento pelos quais haviam passado. Já não teriam mais fome, nem sede, nem incômodos físicos, porque seriam apascentados para sempre pelo próprio Cordeiro. Ele

enviados para protegerem seus servos, numa visão de que Deus não permitirá que seus servos sofram os castigos que são destinados aos que o rejeitam. É uma ação semelhante à marcação com sangue de cordeiros, nos umbrais das portas dos hebreus, para que seus primogênitos fossem salvos da morte que viria, da parte de Deus, sobre os primogênitos dos egípcios (ver *Êxodo 12:1-36*), com a diferença de que, no caso dos hebreus, eles próprios providenciaram a marcação; e, no final dos tempos, a marcação será providenciada pelos anjos de Deus.

2. Um mensageiro surge do nascente, trazendo o selo de Deus para separar os servos dele. Surge e dá ordens para que não fosse feito nenhum dano à terra, até que selassem nas frontes os servos de Deus. Isto mostra que, apesar da proximidade do fim, Deus continua sendo soberano, detendo todo o poder; continua mantendo todas as coisas sob seu controle e que seus servos continuam sob sua proteção, apesar de estarem no mundo.

3. São selados 144.000 servos de Deus. Esta figura é interessante pelo seu simbolismo. Os da seita que se intitula Testemunhas de Jeová, afirmam e pregam que é o número exato das pessoas que irão

habitar nos céus. É uma interpretação errada por dois motivos: primeiramente porque os números no Apocalipse são simbólicos e, em segundo lugar, porque aqui só há referência a servos do povo de Israel. Se crermos que o número é literal, teremos que crer que a classificação dos salvos também é. Ou seja, só seriam salvos pessoas que pertencessem ao povo de Israel.

Cento e quarenta e quatro mil é um múltiplo de doze, um número que significa religião perfeita, e é, também, o número das tribos de Israel, o povo de Deus no Velho Testamento. Doze tribos, totalidade do povo; elevado ao quadrado (12×12), representa perfeição. Ou seja, nenhuma tribo seria deixada de fora. Multiplicado por mil, significa multidão. A visão dá a idéia de que todos do povo de Deus, mesmo sendo uma multidão imensurável, serão selados, sem exceção. Que nenhum dos seus servos será deixado de fora do seu amparo.

Alguns afirmam que esta visão representa que todo o povo de Israel será salvo, mas isto não é verdade. É preciso notar que não são marcados todos de todas as tribos, mas um número determinado de cada tribo (12.000). Também não é verdade que há aqui somente uma referência ao povo de Israel, porque na visão

novamente permitido comer do fruto da árvore da vida.

A IGREJA DE ESMIRNA

v. 8-11

Esmirna era uma cidade concorrente com Éfeso tanto no aspecto comercial, quanto no religioso. Era a localização de um templo a Tíberias (antigo imperador romano) e guardava o culto a Roma desde 195 a.C. A igreja passava por dois tipos de dificuldades, que eram muito difíceis de serem suportadas:

1. Dificuldades de ordem física. A igreja era muito pobre, conforme diz o texto, pobreza proveniente das perseguições do governo romano que, sob a liderança maligna de Domiciano, confiscava os bens dos cristãos por se recusarem a adorá-lo. Os crentes passavam, também, por terríveis sofrimentos físicos que eram impingidos pelo império romano. Como exemplo, podemos citar que a cidade de Esmirna ficou famosa na história do cristianismo, por causa de Policarpo, Bispo de Esmirna, que foi queimado vivo em 156 d.C.

2. Dificuldades de ordem religiosa. Outro problema que assolava igreja era a blasfêmia contra Deus, provocada pelos judeus que perseguiam os cristãos. Eram pessoas que pertenciam ao povo de Deus por nascimento mas não pertenciam no coração. Por isso o Senhor Jesus diz que se diziam judeus, mas não o eram. Eram, na realidade, sinagoga

de Satanás, ou seja, não eram povo de Deus, porém de Satanás.

Há um elogio implícito nas palavras que o Senhor Jesus dirige àquela igreja, quando, após afirmar conhecer a sua pobreza, faz a observação de que, no entanto, ela era rica. O elogio seria o reconhecimento de que o sentimento de prosperidade daquela igreja não estava vinculada aos bens materiais, mas ao que era espiritual.

Diante da riqueza espiritual daquela igreja e da proximidade de grandes tribulações, o Senhor Jesus envia-lhe palavras de conforto, de encorajamento, alertando-a para um período de tempo ruim que viria sobre ela. Não seria um período longo, porém um período curto (indicação representada pela expressão “tribulação de dez dias”) Durante aquele período alguns seriam lançados em cárceres, como resultado de ações humanas, influenciadas pelo próprio diabo. As palavras de conforto são: “não temas”; “sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida”; e “o que vencer não receberá o dano da segunda morte”.

Para que compreendamos estas expressões de alento e incentivo à perseverança, precisamos analisá-las à luz das tribulações que produziam aflições àquela igreja: tentativas de obrigá-la a praticar a idolatria e opressão religiosa por parte dos judeus. O sofrimento que pairava sobre a igreja era uma luta espiritual que a pressionava a

apostatar da sua fé. Para ser vitoriosa, a igreja deveria se lembrar sempre de que valia a pena ser fiel a Cristo, não se curvando à idolatria ou ao judaísmo, às falsas religiosidades. O Senhor Jesus dá a possibilidade dessa lembrança, chamando a atenção para o fato de que vale a pena ser fiel neste mundo, uma vez que adiante, na eternidade, nos esperam a coroa da vida e a isenção do dano da segunda morte, que é o sofrimento eterno.

Alguns utilizam a expressão de Cristo, encontrada no versículo 10, para afirmar que o crente perde a vida eterna se não for fiel até a sua morte. Mas não é isto que o texto diz. A expressão “até à morte” poderia ser traduzida por “mesmo que tenhas de morrer”; e Cristo não está prometendo a vida, porém algo além da vida.

O que é muito importante para nós nesta carta, é que a igreja de Esmirna enfrentou com tanta fidelidade as tribulações, que a igreja apesar de ser muito pobre materialmente, a sua fidelidade a tornou tão rica espiritualmente que não passou por qualquer repreensão por parte do Senhor Jesus.

CONCLUSÃO

No estudo destas duas cartas podemos observar que o Senhor Jesus sempre vê as realidades de suas igrejas; que ele se alegra quando trabalham pelo seu nome,

quando têm paciência nas tribulações, quando, ao contrário do que muitos pensam e ensinam (há uma idéia predominando no meio evangélico de que os crentes não devem “julgar” os que surgem pregando falsos evangelhos), coloca à prova os falsos profetas e os doutrinadores que ensinam falsidades religiosas. Se alegra quando uma igreja não busca a riqueza material, mas enriquece espiritualmente, firmando-se nos ensinamentos de Cristo, colocando a sua esperança maior no que é eterno, ao invés de colocar seus objetivos no que é temporal, passageiro.

Podemos observar, também, que o Senhor se preocupa em confortar suas igrejas, e que este conforto está na lembrança de um futuro na eternidade, onde não existirão tribulações; que ele deseja que suas igrejas vivam sempre o primeiro amor, os momentos iniciais da vida cristã, quando a salvação, a libertação do pecado, estão tão presentes e patentes nos corações dos crentes em Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - Atos 19:1-20**
- Terça - Atos 20:17-38**
- Quarta - 1 João 4:1-6**
- Quinta - 1 João 3: 1-18**
- Sexta - 1 João 4:7-21**
- Sábado - 1 João 5:1-13**

Estudo 10

DEUS SALVA O SEU POVO DAS TRIBULAÇÕES

Texto básico: Apocalipse 7

A visão de tanto sofrimento, de tantas aflições, da morte de tantos por amor ao nome de Cristo, diante da anunciação da proximidade do fim, com tantos cataclismos, tantas guerras, dores, fomes e doenças, poderia fazer com que os leitores da revelação não agüentassem de tanto pavor. Mas a revelação era para produzir consolo e não pavor.

O Senhor Jesus, então, antes da abertura do sétimo selo, faz uma pausa tranqüilizante e mostra como Deus salva os seus e como estes podem estar tranqüilos diante da promessa do dia do Senhor. Isto ele faz através de duas visões, como veremos à seguir.

OS SERVOS DE DEUS SÃO MARCADOS PARA SEREM SALVOS - v. 1-8

Diante da precipitação de todas as coisas, Deus utiliza cinco mensageiros seus para providencia-

rem a efetiva separação dos seus servos antes do fim, com a finalidade de serem salvaguardados dos sofrimentos que iriam acontecer.

1. Quatro mensageiros se colocam nos quatro cantos da terra. Os mesmos quatro mensageiros, aos quais havia sido concedido poder para danificar a terra e o mar (v. 2), são, ao mesmo tempo, os mensageiros providenciados para que produzissem uma calmaria temporária sobre toda a terra, uma pausa nas catástrofes, a fim de que os servos de Deus fossem protegidos. Essa pausa é representada na figura deles sendo convocados a segurarem os ventos, as tempestades, por um curto período de tempo.

Esta visão é significativa tanto no aspecto de mensageiros de Deus serem enviados por ele para executarem seu juízo sobre ímpios, quando ao aspecto de serem

3. Foram recebidos e consolados com a purificação, a paz e a esperança - v. 11. Receberam compridas vestes brancas - símbolo de purificação; foi-lhes dito que repousassem - que estivessem tranqüilos, em paz; foi-lhes anunciado que o tempo do juízo já estava determinado, não pelo tempo, mas pelo número de servos que ainda seriam mortos - uma mensagem de esperança para os que foram injustiçados no mundo..

O SEXTO SELO

O sexto selo assinala a visão do princípio do fim. Até então, Jesus vinha revelando o princípio de dores, mas agora, já está anunciando a proximidade do final de todas as coisas. Tudo está sendo precipitado. A própria terra, tão firme, está sendo abalada; o sol, tão claro, escureceu; a lua tão brilhante e bela, tornou-se opaca e feia como que tingida de sangue; as inúmeras e brilhantes estrelas do céu, manifestando a extensão imensurável do universo, se precipitaram; o firmamento celestial, azul e branco, retirou-se deixando o vazio em seu lugar; as belas paisagens dos montes e ilhas deixaram de existir; todos os homens, de todas as classes sociais, foram igualados pelo medo, pela falta de confiança no futuro, pelo temor diante da proximidade da vinda daquele a quem rejeitaram e

nunca teriam coragem de encarar. Toda a glória aparente do mundo, todo o poder terreno; toda a aparência de durabilidade dos grandes impérios do mundo que oprimem os servos de Cristo e zombam de Deus, toda a estabilidade do universo estava desaparecendo. O fim estava chegando.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mat. 12:15-20. Jesus confirma a anunciação da sua vitória até o juízo final.

Terça - Salmo 57. Pela misericórdia de Deus, o crente fica abrigado sob seu poder, até que passem as calamidades.

Quarta - Rom. 5:1-11. A esperança, gerada pela fé em Jesus Cristo, é uma realidade consoladora na vida do crente.

Quinta - Atos 6:8-15. Estevão é preso por causa do evangelho de Jesus Cristo.

Sexta - Atos 7:1-52. Estevão prega a palavra mostrando o pecado dos que o prenderam.

Sábado - Atos 7:54-60. Por amor ao testemunho, Estevão se torna o primeiro mártir do cristianismo.

Estudo 5

CARTAS ÀS IGREJAS DE CRISTO - II

Texto básico: Apocalipse 2:12-29

AIGREJADE PÉRGAMO

v. 12-17

Pérgamo era uma cidade de grande importância religiosa, tanto para os romanos quanto para os gregos. Nela existiam templos dedicados a Roma, a Augusto (imperador romano) e aos deuses gregos Zeus, Atena, Dionísio e Esculápio (deus da cura que atraía multidões de lugares longínquos, desejosas de serem curadas). Talvez por causa dessa confluência idolátrica, é que o Senhor Jesus denomina aquele lugar como “trono de Satanás”.

Na introdução à carta, o Senhor Jesus se apresenta como *aquele que tem a espada aguda de dois fios*, ou seja, aquele que tem a Palavra. A apresentação do Senhor tem muita importância para o conteúdo da carta, porquanto os erros apontados naquela igreja são exatamente no que é concernente à Palavra, porquanto eram toleradas no seio da congregação pessoas que seguiam

doutrinas falsas (v. 14 e 15). É importante, também, porque no alerta ao arrependimento que é dirigido à igreja, está o aviso de que não havendo arrependimento, o próprio Senhor batalharia contra eles com a espada da sua boca. Ou seja, com a sua Palavra.

1. As características da igreja elogiadas por Jesus. Tal qual nas cartas anteriores, o Senhor Jesus tece elogios à igreja de Pérgamo. São eles:

a) Guardava o nome de Cristo, apesar de estar fundamentada em um lugar terrivelmente dominado por Satanás (dito pelo Senhor Jesus que era o lugar onde estava o trono de Satanás - v. 13).

b) Não negara a fé de Cristo, mesmo tendo presenciado e sofrido o martírio de um fiel pregador do evangelho que fora morto por causa da perseguição religiosa (v. 13).

2. As características repreensíveis por Jesus. Apesar dessa fidelidade elogável, o Senhor Jesus tinha algumas coisas (ele próprio declara

que são poucas) contra aquela sua igreja: *tinha em seu seio seguidores de doutrinas estranhas à verdadeira fé cristã*. Primeiramente faz referência aos seguidores da doutrina de Balaão e depois aos seguidores da doutrina dos nicolaitas, demonstrando que naquela igreja falsas doutrinas estavam proliferando.

Quanto à doutrina dos nicolaitas, já fizemos referência no estudo anterior e podemos acrescentar somente que, enquanto a igreja de Éfeso foi elogiada por não suportar as obras dos nicolaitas, a de Pérgamo foi admoestada por tolerar seus seguidores. Para compreensão do significado da admoestação é necessário retornar ao Velho Testamento, livro de Números, capítulos 22 a 24 e ler a respeito do profeta Balaão que se colocou a serviço de Balaque, rei dos moabitas, apesar de ter o privilégio de poder falar com Deus. Um profeta que ensinava um homem idólatra a levar, também, o povo de Deus a praticar a idolatria. A idéia aqui é a de pessoas que se diziam bem relacionadas com Deus, levando o povo a se prostituir, a ser infiel a Deus, vivendo fora dos seus princípios, praticando a adoração a ídolos.

3. O alerta de Jesus. É taxativo. A igreja é condenada ao **arrependimento** por ter tolerar em seu interior seguidores de doutrinas heréticas. Não havendo o arrepen-

dimento, as consequências seriam a presença do Senhor Jesus como guerreiro, batalhando com a sua Palavra contra os falsos mestres e seus seguidores (v. 16). É oportuno notarmos que Jesus nunca conclamou seus servos a uma luta física, nem prometeu lutas físicas pelo evangelho, porém sempre lutou e prometeu lutar com a sua Palavra.

4. A recompensa prometida aos fiéis. Ao alerta segue a promessa. É lembrado que os vitoriosos têm um prêmio **na eternidade**. Comer o maná escondido representa ter o sustento divino; ser sustentado eternamente. Receber uma pedra branca, com um novo nome escrito e conhecido apenas de quem recebe, é uma figura mais difícil de interpretar. Ray Summers, em sua obra *A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro*, editada pela JUERP, Rio de Janeiro, em 1980, diz: "Pérgamo ocupava-se da mineração de pedras brancas, comerciando com elas. Uma pedra branca, trazendo nela um nome escrito, tinha vários empregos. É possível que a referência aqui seja a um dos quatro usos seguintes: 1) Conferia-se a pedra branca a um homem que sofrera processo e fora absolvido. Levava, então, consigo a pedra para provar que não cometera o crime que se lhe imputara. 2) Era também concedida ao escravo liberto e que agora se tornara cidadão da província. Levava a pedra para provar sua cidadania. 3) Era confe-

João ouve uma voz que sai do meio dos quatro animais que estavam diante do trono, que anuncia o significado daquilo que ele via: o encarecimento do preço dos mantimentos e a sua escassez. Fome sobre a terra. Jesus afirmou que existiria fome no princípio das dores (Mat. 24:7,8).

O QUARTO SELO

Ao convite do quarto animal, João olha e vê um cavalo amarelo e um cavaleiro chamado Morte assentado sobre ele, que tinha a segui-lo o lugar dos mortos e que recebeu poder para tirar a vida da quarta parte da terra através da guerra, da fome, das doenças e das feras da terra. Simboliza o período de sofrimento, de grande morticínio, pelo qual passaria a humanidade, por permissão divina.

O QUINTO SELO

A cena muda e João passa a ver no céu aqueles que viveram no período de tribulação enfrentado pelo mundo após a implantação do evangelho, da igreja de Cristo, e sofreram por causa da fidelidade ao Senhor Jesus..

Ele viu as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e do testemunho que deram a respeito de Jesus (os seus discípulos são suas testemunhas - Atos 1:8), debaixo do altar. A figura é de um altar elevado, com o

lugar do holocausto no alto e pessoas ao nível da base do altar. A visão representa aqueles que foram mortos por amor a Cristo e que foram levados, pelo seu sacrifício, para junto dele. Anteriormente João viu o Cordeiro como que tendo sido morto. Daí a visão do altar no céu.

Devem ser destacados nesta visão, os seguintes elementos:

1. Morreram por amor à Palavra de Deus e ao testemunho de Cristo - v.

9. Eram mártires do evangelho, pessoas que deram suas vidas por amor a Cristo. O Apocalipse foi revelado por Jesus para o consolo dos seus servos que passam por grandes tribulações por causa do evangelho, ou que têm a perspectiva dessas tribulações também por causa do evangelho de Cristo.

2. Clamavam pelo juízo prometido pelo Cordeiro - v. 10.

Não clamavam por uma vingança pessoal mas pelo juízo que estava prometido e que viria da parte de Deus; um juízo perfeitamente justo e que viria através do Filho, que morreu e ressuscitou para poder exercer o juízo. Anelavam pelo triunfo daquele que era o verdadeiro Senhor de todo o universo e que era zombado, rejeitado e combatido. Lutaram por ele, viveram para ele, foram mortos por causa dele e, agora esperavam que ele fizesse a sua justiça.

vitória militar, o elemento de locomoção de um conquistador. O arco simbolizava a arma de guerra, terrível pela sua capacidade de longo alcance e destruição do inimigo. A coroa simbolizava poder e majestade recebidos.

Há muita controvérsia sobre o que simbolizaria esta visão e comentaristas assumem posições diversas. Alguns afirmam que seria a destruição do império romano pelos exércitos dos partos, mas esta interpretação estaria em desacordo com o restante do Apocalipse, onde é percebido nitidamente a continuação do império romano até o juízo final. A história mostra que o império passou a existir não mais como um império mantido pelo poderio militar, mas foi substituído pelo poderio religioso exercido pela Igreja Católica Apostólica Romana que deu continuidade àquele poder imperial. A se aceitar essa interpretação, teríamos que considerar as revelações a respeito do juízo final como sendo apenas para o passado.

Luis Bonnet e Alfredo Schroeder, em seu Comentario del Nuevo Testamento, vol. IV, editado pela Casa Bautista de Publicaciones, el Paso, Texas, em 1977, 3^a edição, afirma que "O cavalo branco, montado por um cavaleiro que sai vencedor e para vencer, representaria a marcha triunfante do evangelho através do mundo". Concordo com esta interpretação, pois creio que podemos traçar um

paralelo desta visão com as palavras do Senhor Jesus encontradas em Mateus 24:3-14; e a deste cavaleiro com as palavras de Jesus em Mateus 24:14. Devemos lembrar, também, que Jesus declarou que sua igreja seria vitoriosa em sua missão (Mat. 16:18) e que concedeu poder a ela para vencer (Atos 1:8).

O SEGUNDO SELO

Aberto, libera a visão de um segundo cavalo, vermelho, sendo cavalgado por um guerreiro, a quem foi concedido tirar a paz da terra através da guerra. O cavalo tem a cor do sangue, e significa sangue derramado. A grande espada significa guerra acirrada, medonha. A capacidade de tirar a paz da terra significa que a falta de paz pela guerra tem uma amplitude mundial.

Em Mateus 24:6 e 7, Jesus anuncia que na proximidade dos últimos tempos se ouviria de guerra e de rumores de guerras, que se levantariam nações contra nações e reinos contra reinos. O segundo cavalo é a revelação de que Cristo, mesmo tendo prometido a vitória do evangelho, permitiria que a paz na terra fosse tirada na aproximação dos últimos dias.

OTERCEIRO SELO

O terceiro selo revela um terceiro animal, de cor preta, cavalgado por alguém que conduzia uma balança na mão. Juntamente com a visão,

rida, ainda, ao vencedor de corridas, ou de lutas, como prova de haver vencido seu opositor. 4) Também se conferia ao guerreiro, quando de volta da batalha e da vitória sobre o inimigo. É evidente a aplicação de um, ou de todos estes usos. (...) A promessa deve referir-se a um deles, e era coisa que os cristãos de Pérgamo compreenderiam muito bem." (p. 116,117) De qualquer forma, era a promessa de um prêmio àquele que vencesse, permanecendo firme, não se deixando levar por falsas doutrinas.

A IGREJA DE TIATIRA - v. 18-29

A cidade onde estava a igreja de Tiatira era localizada em uma pequena cidade, ligada a Pérgamo por uma boa estrada e era um notável centro comercial. Por isso, havia grande movimentação de pessoas entre uma cidade e outra e, naturalmente, uma influência muito grande do mal religioso que assolava a cidade vizinha.

1. A apresentação de Jesus (v. 18). Se apresenta como divino (o Filho de Deus), onisciente (olhos penetrantes), todo-poderoso (pés fortes, como de latão reluzente). Apresentação bastante oportuna a uma igreja que estava sendo levada a adorar deuses falsos, que era enganada por uma falsa profetisa. Como todo-poderoso manifestava o seu poder para vencer a falsa profetisa e todos os seus seguidores (filhos) e, também, para conceder poder aos seus servos fiéis.

2. As características elogiáveis. Era uma igreja que mantinha qualidades elogiáveis pelo Senhor Jesus. Era uma igreja:

a) Amorosa. Seu amor era conhecido por Jesus. Isto significava que era um amor verdadeiro, segundo os padrões divinos (ver 1Cor. 13:4-8).

b) Prestativa. Jesus conhecia o serviço daquela igreja. A exteriorização do amor e da humildade era manifestado em ações voltadas para os irmãos e para Deus.

c) Confiente em Deus. Era uma igreja que tinha fé, que fundamentava a sua esperança nas promessas divinas.

d) Paciente. Em meio a tantas tribulações e idolatria, a igreja permanecia pacientemente esperando no Senhor Jesus. Havia nela um círculo espiritual perfeito, porque a tribulação produzia a paciência, a paciência produzia a experiência do serviço a Deus e aos semelhantes; a experiência produzia a fé e a fé fazia com que a igreja experimentasse o amor de Cristo (ver Rom. 5:1-5).

e) Progredia espiritualmente. As obras, os serviços eram mais abundantes que inicialmente, quando a igreja fora estabelecida. O progresso espiritual era manifestado no crescimento do serviço.

3. As características repreensíveis. (V. 20,21). Apesar de ser uma igreja com tantas características elogiáveis, o Senhor Jesus declara que tem coisas contra ela. Na igreja vizinha de Pérgamo havia dois grupos de

hereges mas o Senhor declarou que tinha poucas coisas contra ela. Existia apenas uma falsa profetisa e seguidores somente seus, mas o Senhor parece pesar mais na sua repreensão. Creio que o segredo está no fato de a igreja **telar** a falsa profetisa. Uma mulher que estava no seio da igreja e que ensinava o abandono, a traição a Deus e a prática de religiosidades completamente fora dos padrões divinos. Alguns interpretam a prostituição de Jezabel de forma literal, como se ela ensinasse a degeneração moral no sentido sexual no seio da igreja. Pode até ser que ensinasse assim também. Mas devemos lembrar que no Velho Testamento, sempre que o povo se deixava levar pela idolatria buscando outros deuses, era comparado por Deus com uma prostituta (ver Ezeq. 16 e o livro de Oséias). O problema de Tiatira era que, talvez pelo seu amor tão grande, não sabia rejeitar pessoa tão diabólica em seu seio.

4. O alerta de Jesus (v. 21-23). Vem como algo definido e não como uma possibilidade. Ele dera tempo à falsa profetisa para que se arre-pendesse. Como não o fez, já estava decretado por ele que, sobre ela e seus seguidores viria grande tribulação, grandes sofrimentos (ela estaria sobre uma cama - enfermidade -, seus seguidores seriam feridos de morte). Seus sofrimentos seriam consequência de suas atitudes contra a Palavra de Deus (v. 23).

5. A recompensa prometida aos fiéis (v. 24-29). Jesus faz promessas aos que não se deixaram seduzir pela falsa profetisa, que não se deixaram levar por sua doutrina satânica, apenas alertando-os para que guardassem o que era dele (as suas obras) até o fim e prometeu-lhes:

a) Não receberiam nenhum peso religioso. O fardo de Jesus Cristo é leve e seu jugo é suave (Mat. 11:30). Fardos religiosos pesados não vêm de Cristo.

b) Receberiam poder sobre as nações. Eram crentes oprimidos pelos que rejeitavam Deus. Um dia a situação seria revertida e os crentes estariam acima das pessoas que rejeitaram a Cristo (ver. Mat. 19:28; Apoc. 20:4), vendo-as despedaçadas em sua soberba, reduzidas a pó.

c) Receberiam a estrela da manhã. Mesmo depois de dias tão tenebrosos a luz perfeita raiaria juntamente com Ele próprio, que é a resplandecente estrela da manhã (Apoc. 22:16)..

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Números 22-25:1

Terça - Romanos 2:1-11

Quarta - João 5:16-27

Quinta - João 5:28-47

Sexta - Ezequiel 16

Sábado - 1 Cor. 13:1-8

Estudo 9

SEIS SELOS ABERTOS PELO CORDEIRO

Texto básico: Apocalipse 6

Após a visão do trono de Deus e sua presença majestosa governando os céus e a terra, e da visão do Cordeiro no trono de Deus, como sendo digno de receber adoração como ser divino, como o próprio Deus e, também, como sendo o único digno de abrir o livro que estava à direita de Deus, passa a ser revelada a João a abertura dos selos que estavam tão hermeticamente fechados.

O pastor Delcyr de Souza Lima, em estudos publicados pela editora Brasil Batista, Rio de Janeiro, 1974, afirma que "o livro que João viu representa a história do conflito com Deus até o cumprimento final de seus desígnios". Eu diria que *o livro representa a história do conflito do homem com Deus, por causa da rejeição à sua Palavra, influenciado e enganado por Satanás, e da implantação e conservação da igreja até o final dos séculos.*

O PRIMEIRO SELO

Os quatro primeiros selos são uma visão de quatro cavaleiros, que vão surgindo conforme cada um dos

quatro animais que estavam diante do trono de Deus e do Cordeiro vão chamando, introduzindo a cena. São quatro cavalos, cada um de uma cor, e para compreendermos a revelação, é necessário compreendermos o que cada cor significa. É necessária, também, a compreensão de que cavaleiros trazem a idéia de acontecimentos impetuosos, fortes, como uma carga de uma cavalaria em uma batalha. Alguns comentaristas gostam de afirmar que João tirou a figura dos quatro cavaleiros das profecias de Zacarias 1:8 e 6:1-8, mas isto seria o mesmo que afirmar que João estaria escrevendo de sua própria mente e que inventara que era uma revelação de Jesus. O que devemos crer é que o mesmo Deus que providenciou a visão a João, providenciou, também, a Zacarias uma visão semelhante.

O primeiro selo revelava a visão de um cavalo branco, tendo assentado sobre ele um portador de uma arma de guerra, que recebeu uma coroa e que saiu com vitória garantida. O cavalo branco simbolizava

todas as nações, **transformando-as** em reis e sacerdotes sobre a terra.

CONCLUSÃO

O céu é um lugar, uma realidade, que está adiante, depois dessa vida, para todos aqueles que crêem em Jesus Cristo como Salvador, como o Cordeiro de Deus que se deu em sacrifício para a salvação da humanidade. Com sede nesse lugar, Deus está no controle de todo o universo e é soberano em sua vontade, tendo autoridade para governá-lo como desejar, não adiantando pessoas ignorá-lo, ou insistirem numa vida de desobediência aos seus princípios, porque todas as coisas acontecem sob sua permissão, conhecimento e direção.

Qualquer pessoa que receba honra da parte de Deus, que ocupe alguma posição no seu reino, mesmo que seja de notável destaque, deve ser tão humilde quanto os vinte e quatro anciãos que, estando diante de Deus, em situação majestosa, abriram mãos de suas coroas e as lançaram aos pés daquele que criou e dirige todas as coisas.

Todo crente deve viver reconhecendo que Jesus Cristo, o nosso Salvador, não é mais aquele que está morto, porém está vivo, no céu, no trono de Deus e é o único, em todo o universo, digno de revelar as coisas de Deus. Ninguém mais tem esse

poder, porque no céu e na terra, ninguém tem a dignidade do Cordeiro que foi morto e, pelo seu sacrifício comprou servos para Deus, purificando-os dos seus pecados. Homens que deixaram de ser servos do pecado para ser servos de Deus e que, portanto, devem estar sempre prontos a adorá-lo e a servi-lo em tudo o que ordenar.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 8. Davi louva a Deus pela sua glória e seus feitos.

Terça - Salmo 103. Deus estabeleceu o seu trono no céu e governa sobre tudo (v. 19).

Quarta - Salmo 104. A glória de Deus é manifestada na criação e conservação de todas as coisas.

Quinta - Salmo 110. O reino, o sacerdócio e a conquista do Cordeiro de Deus.

Sexta - João 1:29-34. Jesus é identificado como o Cordeiro de Deus.

Sábado - Hebreus 12:1-3. Jesus suportou a cruz, desprezou a afronta dos homens, ressuscitou e sentou-se à direita do trono de Deus, servindo-nos de exemplo para agradarmos a Deus.

Estudo 6

CARTAS ÀS IGREJAS DE CRISTO - III

À Igreja de Sardes

Texto básico: Apocalipse 3:1-6

Nos estudos anteriores vimos que Jesus, em uma revelação especial, ordenou ao apóstolo João que escrevesse sete cartas a sete igrejas que estavam localizadas na Ásia, as quais ele próprio ditou. Cada igreja tinha características peculiares, sendo que foram apontadas, até agora, predominantemente cinco características louváveis: **o trabalho** pelo nome do Senhor, **a paciência** em meio a tribulações, **a persistência na fé** em Jesus Cristo, **a firmeza** contra os falsos profetas e **o amor**. Como características reprováveis, encontramos no primeiro grupo de igrejas **o afastamento do primeiro amor**, a **tolerância de seguidores de doutrinas falsas** e a **tolerância de falsos profetas no seio da igreja**. A advertência do Senhor Jesus constante tem sido até aqui a de arrependimento e retorno à fidelidade a ele.

Neste estudo continuaremos analisando as cartas do Senhor Jesus, focalizando a que foi dirigida a Sardes.

ALOCALIZAÇÃO DA IGREJA

Sardes era uma cidade esplendorosa, cheia de luxo e riquezas. outrora havia sido morada de reis e era tão importante que, tendo sido quase totalmente destruída por um terremoto, foi reedificada com subsídios do império romano no tempo de Tibério. Era um importante centro comercial e industrial da época. Distava cerca de 50 quilômetros ao sul de Tiatira e era servida por cinco estradas romanas. Apesar de não possuir um templo de adoração ao imperador romano, possuía outros templos pagãos, sendo o mais importante o de Cibele. Era uma cidade que, pela importância econômica, pela freqüência de pessoas de Roma e de outras cidades pagãs, pelo luxo e riqueza, vivia distanciada de Deus e mergulhada no paganismo.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR JESUS.

Ele se apresenta como sendo o que o Espírito de Deus é como sendo o próprio Senhor das igrejas.

Ou seja, mostra que o Espírito Santo é o seu Espírito e que os seus mensageiros nas igrejas, comparados inicialmente com estrelas (1:20), pertencem a ele. Se pertencem a ele, não são os senhores das igrejas, porém ele próprio, Jesus, é Senhor delas.

As apresentações sempre têm relação direta com os problemas das igrejas, como já enfatizamos anteriormente e nesta não é diferente. Há uma advertência de Jesus para que a igreja se lembre do que tem recebido (v.3). Recebido do próprio Senhor, através do seu Espírito. É Jesus, também, quem afirma que tem o poder para dar e garantir a salvação (v. 5) a quem quiser, colocando e não riscando seus nomes do livro da vida. Não são homens que se apoderam das igrejas que concedem a salvação, cobrando das igrejas obediência a padrões inventados por ele próprios, mas o próprio Senhor Jesus que requer um padrão de vida digna porquanto tem o poder sobre as suas igrejas.

AS CARACTERÍSTICAS REPROVÁVEIS POR JESUS

Jesus não aponta uma característica louvável sequer naquela igreja. Era uma igreja com características e comportamentos diametralmente opostos à igreja de Sírnna. Aquela era uma igreja pobre, porém enriquecida espiritualmente, sem qualquer caracte-

rística reprovável pelo Senhor Jesus. Esta, a de Sardes, uma igreja aparentemente viva, talvez esplendorosa como a cidade em que estava plantada, não tinha qualquer característica louvável, porém somente reprováveis. Sob a ótica de Jesus era uma igreja:

1. Morta. Diante de olhos humanos parecia viva; porém aos olhos de Cristo, o que tem o Espírito de Deus, o que vê todas as coisas, o que não olha somente a aparência, mas olha os corações, era uma igreja morta. Não tinha a vida concedida pelo Espírito Santo de Deus.

2. Era uma igreja com obras imperfeitas. Talvez perfeitíssimas para com seus membros ou para com a sociedade, mas não eram para com Deus. Uma igreja que trabalhava, mas que trabalhava para si própria, para outras pessoas que não o Senhor Jesus Cristo. Que trabalhava em vão, porque não trabalhava perfeitamente para Deus.

O ALERTA DE JESUS

A igreja, diante da sua situação espiritual tão miserável, precisava assumir atitudes que mudassem o seu rumo. Este era terrível. Se continuasse naquela situação, o próprio Senhor Jesus viria sobre a sua igreja, como o Todo-Poderoso, como o Senhor da igreja e lhe cobraria os seus atos. Viria

notar que João não viu uma forma, mas um resplendor. A sua descrição da visão é de semelhança a pedras preciosas que são esplendorosas. Jesus disse que Deus é Espírito (João 4:24), e podemos dizer que um espírito não pode ser visto. Mas o resplendor da sua glória foi visto por João.

5. Um trono de onde emanava luz. Diante do trono existiam sete candeeiros, sete lâmpadas de fogo, representando o Espírito de Deus. Sete representa perfeição total. O Espírito de Deus está em todo o lugar que ele desejar estar e é um Espírito de luz e não de trevas. Da sede do governo do universo sai o Espírito de Deus para iluminar, para levar a luz, para rasgar as trevas.

6. Um livro hermeticamente selado, à direita do que estava sobre o trono. A majestade divina fora revelada a João. Agora seriam reveladas coisas que aconteceriam, mas que ninguém sabia porquanto não há nenhum ser que tenha dignidade para abrir o livro que encerrava a revelação (5:1-3), nem mesmo de olhar para ele. Ninguém em todo o universo. A situação de dificuldade em se abrir o livro deixou o apóstolo profundamente entristecido, a ponto de chorar intensamente. Até que um dos anciões lhe anuncia a presença do Cordeiro, o único que tinha a capacidade de abrir o livro.

O CORDEIRO DE DEUS

5:6-14

João olha e vê no trono, entre os quatro animais, um Cordeiro, com a aparência de que tinha sido morto (representação do sacrifício de Jesus), com sete pontas, representando poder absoluto (chifres representam poder), e sete olhos - representando o Espírito Santo de Deus enviado, da parte de Cristo, a todas as partes do mundo. A respeito dessa visão, devemos observar:

1. O Cordeiro estava no meio do trono de Deus. Isto corrobora com a afirmação de Jesus de que ele e o Pai são uma só pessoa (João 10:30). É importante notarmos, também, que de Deus João viu um resplendor, mas do Cordeiro, João viu uma forma. Isto também corrobora com a afirmação de Jesus de quem vê a ele, vê o Pai (João 14:9). Ninguém pode ver a Deus, a não ser através do Filho. Outra manifestação da divindade do Cordeiro, é a adoração dos vinte e quatro anciões e dos quatro animais a ele (v 8,14), que é aceita. Se não fosse Deus, não aceitaria. O Cordeiro de Deus, é o próprio Deus.

2. O Cordeiro é exaltado como o Redentor. O Cordeiro é exaltado pelos seres celestiais e terrenos (v. 9-14), como aquele que, através do seu sangue derramado em sacrifício, **comprou para Deus**, resgatou da prisão do pecado, pessoas de

OTRONO DE DEUS

v. 2,3

A revelação não dependeria de João aceitá-la ou não. Antes mesmo de poder esboçar alguma atitude de aquiescência ao convite, foi arrebatado em espírito e levado às realidades celestiais. É importante, aqui, fazermos uma observação: Há autores que afirmam que o Apocalipse foi escrito por João, conforme suas próprias conveniências, observando ele próprio realidades e necessidades das igrejas. Mas podemos ver, pelos seus registros, que ele não criou nada com a sua mente. Utilizou sua linguagem mas as cenas lhe foram mostradas e a revelação veio para ele independentemente do seu querer.

A ele foram mostrados primeiramente:

1. Um trono. Representa majestade, poder de governar com vontade e autoridade própria. Com soberania..

2. Um trono no céu. O céu é um lugar de onde Deus governa todo o universo, com a sua vontade, poder e autoridade. Não é um estado de espírito ou uma figuração de idéia como tantos afirmam. Diante do trono havia como que um mar de vidro (v. 6), representando o alcance e a beleza do governo celestial.

3. Um assentado sobre o trono no céu. O que está assentado sobre o

trono é o dono do trono, o que tem direito a ele. Deus nunca abriu mão de sua condição majestosa de governante de todo o universo, nunca deixou de estar em seu trono. Observe-se que havia ao redor do trono mais vinte e quatro tronos, tendo assentados sobre eles anciãos que também haviam sido investidos de majestade (v. 4), uma vez que tinham em suas cabeças coroas de ouro. Mas estes abriam mão da sua condição privilegiada e, prostrados diante do que estava assentado no trono, lançavam suas coroas diante do trono, declarando que o poder, a glória e a honra pertenciam somente ao Criador, soberano em sua vontade (v 10).

Também podemos ver a condição majestosa de Deus, acima de tudo e todos, pela aclamação que era feita pelos quatro animais que estavam ao redor do trono. Eram seres que representavam valores essenciais à humanidade. O semelhante ao leão representava força; o semelhante ao bezerro, pureza; o que tinha o rosto semelhante ao homem, inteligência; o semelhante à águia voando, vigor e longevidade. Mas, apesar de todas essas características, declaravam em todo o tempo a santidade, o poder e a eternidade de Deus (v. 7,8).

4. Um assentado de aparência esplendorosa. É muito importante

repentinamente, sem avisos. Viria como veio o senhor na parábola dos talentos (Mat. 25:14-30) e agiria como ele agiu com o servo negligente e mau (v. 28-30). Mas a igreja podia e precisava mudar sua situação, e para isso, precisava assumir três atitudes:

1. Ser vigilante. Sair do marasmo, do sono provocado pela aparência de vida, pela maquiagem que a igreja possuía. Sendo vigilante, precisava envidar esforços para confirmar na fé os que ainda permaneciam vivos, que ainda não haviam morrido (talvez por causa deles aquela igreja ainda fosse uma igreja de Cristo, ainda não tivesse sido tirada do seu castiçal). Precisava confirmar na fé os que ainda não haviam se contaminado com a religiosidade aparente, com a indolência, com o esplendor do mundo (v. 4).

2. Lembrar-se e guardar o que recebera e ouvira - v. 3. A igreja recebera vida do próprio Espírito Santo. É ele quem vivifica o crente em Cristo, é ele quem opera a regeneração no indivíduo. A igreja precisava lembrar-se de que tinha vida não por si própria, não por ter uma aparência de vida religiosa e espiritual, mas por ter o Espírito Santo atuando em seu seio. Precisava lembrar-se disso. Precisava lembrar-se, também, do que

ouvira. Os ensinamentos do Senhor Jesus, transmitidos pelos seus apóstolos, pelos seus mensageiros colocados por ele em suas igrejas. Quanta pregação, quantos ensinamentos estavam esquecidos por aquela igreja e por isso ela estava morrendo. Precisava lembrar-se não apenas por um momento, para passar por uma revitalização momentânea, mas precisava guardar no íntimo e aplicar numa autêntica vida cristã.

3. Arrepender-se. Não era bastante consertar-se somente dali para a frente. O pecado de um passado inoperante, de um passado sem a vivência de uma fé autêntica em Cristo, de uma vivência de cristianismo somente aparente, de esquecimento dos ensinamentos de Cristo, precisava ser apagado sob pena de ficar sempre voltando à tona e fazendo com que a igreja fraquejasse. E só havia um meio de isso acontecer: o reconhecimento do erro e o arrependimento subsequente. Interessante que são pecados que não estão classificados entre os "pecados" que costumeiramente são perseguidos em nossas igrejas, mas é o próprio Senhor Jesus quem está conclamando sua igreja a se arrepender. São pecados muito esquecidos por nós, o do descaso aos ensinamentos de Cristo e o da hipocrisia religiosa, da falsa vivência de fé.

APALAVRA DE INCENTIVO

Como em todas as cartas às demais igrejas, mesmo sendo a igreja de Sardes tão afastada da sua Palavra e da vida autenticamente cristã, o Senhor Jesus tem uma palavra de incentivo. O seu amor pela igreja fazia com que desejasse vê-la vitoriosa, saindo daquela situação. A palavra de incentivo é uma declaração, a de que ainda existia ali alguns crentes fiéis que não haviam se contaminado (v. 4) com o pecado da vivência de um falso cristianismo, que ainda eram dignas do nome de Cristo. Em seguir o exemplo deles estaria a vitória, a retomada de vigor, da vida de atuações vivas para o reino de Deus.

Após a conclamação para que seguissem o exemplo dos fiéis, Jesus aponta para o prêmio que está adiante da fidelidade, que tem, tanto quanto nas outras cartas, uma conotação da eternidade celestial e nunca da temporalidade deste mundo. O galardão do crente é sempre na eternidade e nunca neste mundo. O vitorioso receberia a purificação total do pecado (v. 5) - isto é representado pela expressão "será vestido de vestes brancas" - e isso só será possível no reino celestial. E deveria buscar a vitória fortalecendo-se sempre na garantia de salvação prometida por Jesus. Esta garantia está nas expressões "de maneira nenhuma riscarei o seu

nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos".

CONCLUINDO

A mensagem à igreja de Sardes é uma mensagem de fidelidade à fé cristã autêntica, sem os desvios que levam a uma aparência de vitalidade mas que mata a igreja, impedindo-a de cumprir o seu papel de anunciadora do Evangelho, integradora daqueles que se convertem ao reino de Deus e ensinadora dos mandamentos de Jesus Cristo. É uma mensagem de alerta às igrejas que se desviaram desse Evangelho autêntico, para que se lembrem da vida que tiveram um dia, que guardem com firmeza o Evangelho, para que não venham a sofrer consequências pelo erro de abandonar o Senhor Jesus Cristo.

LEITURAS DIÁRIAS

- Segunda - *2Pedro 1:1-9*
- Terça - *2Pedro 1:10-21*
- Quarta - *Efésios 2:1-10*
- Quinta - *1Timóteo 6:3-16*
- Sexta - *João 6:28-40*
- Sábado - *João 2:13-25*

Estudo 8

A VISÃO DO TRONO DE DEUS

Texto básico: Apocalipse 4 e 5

Depois da primeira visão, da pessoa majestosa do Filho de Deus e de ter recebido dele sete cartas que deveriam ser dirigidas a sete igrejas da Ásia, representadas por seus pastores, o apóstolo João é convidado a entrar, em espírito, no céu, através de uma porta que estava aberta.

O convite partiu de uma voz como que de trombeta, que inicialmente ouvira falar com ele, e anunciou que, subindo ali, lhe seriam reveladas coisas que deveriam acontecer no futuro.

O QUE SERIA REVELADO - v. 1

João foi convidado a ver as coisas que deveriam acontecer depois do seu tempo, daquele momento vivido por ele e pelos servos de Cristo. A expressão utilizada por Jesus foi "depois destas devem acontecer".

Neste ponto do Apocalipse é iniciada uma revelação de coisas futuras, que ainda deveriam acon-

tecer. A visão do trono de Deus e a do Cordeiro que abre os selos, demonstra que as coisas que ainda iriam acontecer eram conhecidas somente por Deus e pelo Cordeiro e que eram coisas que aconteceriam sob o conhecimento e controle divino. As afirmações de alguns intérpretes, de que o Apocalipse teria sido escrito somente para aquela época somente e para aquelas igrejas a quem foram dirigidas as sete cartas, que os acontecimentos catástroficos seriam com o império romano, sofrem sérias dificuldades diante do convite ao apóstolo João e a afirmativa de que seriam coisas que aconteceriam no futuro, depois daquelas (uma referência ao que já vinha acontecendo desde Cristo instaurara o cristianismo). Estas palavras nos mostram que a revelação, como também veremos adiante, era a respeito de coisas que já estavam acontecendo e que aconteceriam em épocas futuras, em que se desenrolaria o cristianismo, até a volta de Cristo, o juízo final.

que uma igreja morna seria uma em que não há agitação manifestada através de danças, gritos, choros e sorrisos. Outros ainda afirmam que seria uma igreja que não se integra nas atividades denominacionais etc. Nada disso é verdade e é fruto de uma interpretação individual e interessada em manipular crentes para agir segundo interesses pessoais dos intérpretes.

A igreja de Laodicéia era uma igreja *tépida*, agradável à sociedade, fácil de ser “engolida”, sem causar qualquer incômodo àqueles que viviam longe dos princípios divinos. A acusação de que a igreja não era fria nem quente, mostra essa característica de tepidez. O frio incomoda e faz com que se busque um aquecimento; a quentura incomoda e faz, também, com que se busque um resfriamento. A tepidez no entanto, não incomoda, é agradável e não faz com que se procure nada.

O alerta de Jesus - v. 16,18-22

O Senhor dá diversos alertas àquela igreja. Isto mostra que ainda a amava e que desejava que se arpendesse da sua lastimável característica (v.19).

1. Seria vomitada da boca de Jesus.
Seria lançada fora do seu seio, do seu interior.

2. Deveria buscar a verdadeira riqueza que vem de Jesus v.18). Que tem realmente valor e que passará pelo fogo do juízo final.

3. Deveria santificar-se. Para que não fosse envergonhada pela sua nudez espiritual.

4. Deveria buscar uma visão verdadeira. Era uma igreja que não tinha visão espiritual.

5. Deveria ser zelosa. Ser cuidadosa, retendo as riquezas que buscasse em Jesus Cristo.

6. Deveria ter uma visão da glória celestial. A visão do vitorioso assentado com Cristo no seu trono.

CONCLUSÃO

Em todas as cartas há uma linha geral: 1) O Senhor Jesus repreende as igrejas que deixaram a sua Palavra, seja pelo engano de falsos profetas ou por tolerância a eles, ou por indiferença aos seus ensinamentos, ou, ainda por acomodação. 2) O Senhor Jesus elogiando as igrejas que, apesar de todos os empecilhos, permaneceram fiéis à sua Palavra. 3) O Senhor Jesus alertando as repreendidas para que se arrependam e retomem as características de igreja autêntica. 4) O Senhor Jesus alertando para as realidades eternais destinadas aos que são vitoriosos com ele.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - 2Pedro 1:1-9

Terça - 2Pedro 1:10-21

Quarta - Efésios 2:1-10

Quinta - 1Timóteo 6:3-16

Sexta - João 6:28-40

Sábado - João 2:13-25

Estudo 7

CARTAS ÀS IGREJAS DE CRISTO - IV

Texto básico: Apocalipse 3:7-22

A IGREJA DE FILADÉLFIA

3:7-12

Filadélfia era uma pequena cidade do antigo reino de Lídia, construída no segundo século antes de Cristo pelo rei de Pérgamo, Átalo Filadelfo, que desejava disseminar a língua e a civilização grega na região da Frígia. Ficava a 45 quilômetros de Sardes e pertencia ao distrito administrativo dessa cidade. Tornou-se rica pelo comércio de uvas que eram cultivadas na região. Tendo sido grandemente danificada por um terremoto em 17 d.C, foi reconstruída pelo imperador romano Tibério. Existe ainda hoje, sob o nome de Alla-Schahr e seus habitantes são, na grande maioria, pertencentes à Igreja Grega.

A apresentação de Jesus - v. 7

Jesus inicia sempre a sua apresentação de maneira diretamente apropriada com as qualidades e problemas enfrentados pelas igrejas destinatárias das cartas. Assim sen-

do, precisamos procurar conhecer o que desejaria dizer ao se identificar como o que é *santo, verdadeiro e o que pode fechar ou abrir hermeticamente*.

1. Santo. Uma designação reservada apenas para Deus (Is 40.25). Com isto Jesus estava se identificando como sendo o próprio Deus. Uma identificação natural para uma igreja que estava permeada de judeus que lutavam contra o cristianismo, pessoas que, na sua grande maioria, nunca aceitaram a divindade de Jesus.

2. O verdadeiro. Uma afirmação da sua condição de Messias. Ele era o verdadeiro, único Messias prometido e enviado por Deus. Essa condição de veracidade como prova da sua qualidade de Messias é encontrada em Atos 3:14; 4:27,30: 7:52.

3. O que tem a chave de Davi. Jesus demonstra aqui o seu poder e a sua autoridade de soberano. Se ele que-

ria que aquela igreja avançasse na vida cristã, indo em frente propagando o evangelho, ninguém conseguia se opor a isso. É o que declara no v. 8.

As características da igreja - v. 8

Conhecedor de todas as coisas, senhor das suas igrejas, e Jesus quem aponta as características da igreja de Filadélfia.

1. Tinha pouca força. Não era uma igreja poderosa, com muitos recursos. Sendo uma cidade pequena, seria uma igreja pouco numerosa, limitada em sua capacidade operacional. Era uma igreja fraca, humanaamente falando.

2. Guardou a Palavra de Cristo. Uma característica que pode parecer simples aos nossos olhos, em nossa cultura de liberdade religiosa. Mas devemos lembrar que os cristãos estavam sob severa perseguição movida por Roma e que, além disso, aquela igreja sofria a perseguição dos judeus que negavam a eficiência do evangelho para a salvação, que negavam a condição messiânica de Jesus e perseguiam as igrejas de Cristo. Jesus, além de dizer que a igreja guardara a sua palavra, diz, também, que não negara o seu nome. Era uma igreja composta de autênticos discípulos de Cristo, pois guardavam a sua palavra (João 8.31).

As promessas de Jesus

A igreja de Filadélfia, apesar da sua pouca força, operosidade defi-

ciente, pressão e perseguição dos judeus e romanos, não desenvolvera qualquer característica reprovável por Jesus. Era uma igreja perfeita diante do Senhor e recebeu dele promessas impressionantes.

1. Tinha um futuro garantido por Jesus - v. 8. Tinha uma porta aberta diante de si que ninguém poderia fechar. Poderia avançar firmemente em direção ao futuro, sem barreiras para impedirem o seu avanço na pregação do evangelho e na vivência de um cristianismo autêntico.

2. Humilhação dos judeus, falsos tementes da Deus - v. 9. Os judeus, adversários da igreja de Cristo que queriam humilhá-la, seriam obrigados por Jesus a se curvarem à verdade do evangelho, reconhecendo o amor de Cristo pela igreja.

3. Amparo diante da grande tribulação. v. 10. Como consequência de terem guardado a palavra de Cristo, a igreja receberia proteção do próprio Senhor Jesus, nos momentos de tribulação.

4. Vida eterna. V. 12. Aquela igreja que parecia fraca, seria uma coluna do templo de Deus (uma figura metafórica que significa comunhão perfeita com Deus), cada um de seus membros, vitoriosos por Cristo, teria o nome de Deus em si, o da cidade de Deus, a nova Jerusalém, e o novo nome de Jesus (três sinais de

herança do reino de Deus, como herdeiros por Jesus Cristo).

O alerta de Jesus - v. 11

Um alerta simples, já que a igreja não tinha qualidades reprováveis, porém de grande importância para o seu futuro: guardar o que tinha para não perder o privilégio que já possuía. O que a igreja tinha era a fidelidade à palavra de Jesus Cristo. Esta era a sua coroa.

A IGREJA DE LAODICÉIA

Laodicéia era um importante centro comercial e industrial, principalmente de roupas e tecidos, com uma considerável população. Ficava a 80 quilômetros de Colossos. Era cortada por três estradas romanas e detinha um poder econômico tão significativo que, após ser destruída por um terremoto, em 60 d.C., Recusou ajuda de Roma e foi reconstruída com seus próprios recursos.

A igreja teria se originado da pregação de Epafras, companheiro de Paulo, a quem faz referência como tendo pregado em Colossos, Laodicéia e Hierápolis (Col. 4:12). Provavelmente seria composta principalmente de comerciantes, artesãos e criadores de ovelhas, que levassem uma vida tranquila, já que tinham uma situação econômica estável (se consideravam ricos - v. 17) e uma certa independência de Roma.

A apresentação de Jesus - v. 14

As apresentações de Jesus sempre têm a ver com a saudação inicial de João, no princípio da Revelação (1.4-8), onde são citadas diversas qualidades e características de Jesus, e, também, com as manifestações de aprovação, desaprovação e alertas dados às igrejas. Para a igreja de Laodicéia, ele se apresenta como sendo o Todo-poderoso (o Amém - v. 1,6,8); o verdadeiro representante de Deus (a testemunha fiel e verdadeira - 1.5); e o primeiro de toda a criação (o princípio da criação de Deus - 1.5).

As características da igreja - v. 15,17

Era uma igreja que se julgava rica por causa da sua realidade financeira. Mas, aos olhos de Jesus, que conhecia perfeitamente o trabalho dela, era uma igreja que estava na completa miserabilidade espiritual. As expressões do Senhor Jesus são duras: “*és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu*”.

A situação espiritual deplorável daquela igreja se originava de uma característica que adquirira, e que era completamente contrária à natureza que deveria ter. **Era uma igreja morna.**

Ha quem pretenda interpretar esta característica e aplicá-la ao ensino nas igrejas, à luz do que se pensa ser uma igreja “quente” ou “fria”. Por isso, alguns afirmam